

BIBLIOTHECA  
DE  
\*VICENTE THEMUDO\*

N. 750

VOL. 1

DATA 12-12-96

Traçados e Hymnos Evangelicos

Vende-se na

Rua Sete de Setembro Nº. 71

RIO DE JANEIRO

Agente:

JOÃO M. G. DOS SANTOS

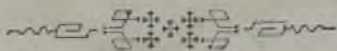
VIDA DE GUSTAVO ADOLPHO  
O REI-SOLDADO DA SUECIA

POR

L. ABELOUS

---

**Traduzido do Francez**



**Vicente Themudo Lessa,**

DEPOSITO

32—Rua das Janellas Verdes—32

LISBOA

---

**Typographia de José da Silva Mendonça**

11—Largo de S. Domingos—13

PORTO

1888

Vicente do Rego  
Themudo Lima

1893

Recipes

BIBLIOTHECA
DE
*VICENTE THEMUDO*
N. 658
VOL. 1
DATA 1893

# INFANCIA DE GUSTAVO ADOLPHO

Sua origem—Sua educação—Suas inclinações  
diferentes.

Gustavo Adolpho é um dos nomes mais illustres da historia moderna, e una das mais puras glorias da Reforma. Foi ao mesmo tempo um excellente rei, um guerreiro famoso e um christão verdadeiro. Suas virtudes e seu genio tiram ainda um novo brilho do seu fim precoce, e da importancia dos acontecimentos de que foi heroe. Deu o raro exemplo de uma piedade constante na época em que a alma corre tantos perigos como o corpo; provou que o protestantismo sabe unir o valor á fé, e, com os Colignys, os Duquesnes, os Havelocks, os Vicars e outros, mostra qual é o poder de uma religião bebida nas fontes puras e divinas da Biblia.

Nasceu em Stockholmo a 9 de dezembro de 1594, n'uma época em que o paiz estava dividido por luctas intestinas. Pertencia, por seu pae, Carlos, duque de Sudermania, á familia real da Suecia, e, por sua mãe Christina, filha do duque de Schlesvig-Holstein, estava ligado com a dymnastia dinamarqueza. O brilho de uma tal origem não foi para Gustavo Adolpho um pehor de felicidade. Sua infancia foi, pelo contrario, agitada como a sua vida.



No principio do seculo dezesseis, a Suecia era um reino electivo. Governava então Christiano II que a tinha conquistado, e que reunia tres corôas, na sua qualidade de herdeiro dos thronos da Dinamarca e da Noruega. A Suecia tinha soffrido antes que escolhido este monarcha de um genio violento e ao mesmo tempo sagaz, que, para affirmar o seu poder, multiplicava por toda a parte as confiscagões e os supplicios. O filho de um senador sueco, victima dos seus furôres sanguinarios (Gustavo Johansson, da casa de Vasa, uma das primeiras da nobreza do reino) fugio do castello de Calloe na Jutlandia, aonde um senhor dinamarquez o tinha preso á ordem do rei. Esse joven concebeu o ousado projecto de livrar o seu paiz da tyrannia sob a qual gemia. Depois de se haver subtrahido ás pesquisas dos seus oppressores e resignado a ir malhar o trigo nas granjas, conseguir sublevar os aldeãos da Dalécarlia, onde se havia refugiado, e, com o auxilio d'estes rudes e corajosos montanhezes, expulsou os dinamarquezos da Suecia e restituiu-lhe a liberdade. Nomeado rei por sua patria reconhecida, Gustavo Vasa, que Olaüs Petri discipulo de Luthero tinha educado, estabeleceu a Reforma nos seus estados. «Servir a Deus segundo a sua lei e amal-o acima de todas as coisas; crêr em Jesus Christo como nosso unico Salvador; estudar e ensinar com ardor e zelo a Palavra de Deus; amar o nosso proximo como a nós mesmos e observar o Decalogo—tal é o verdadeiro culto que se deve render a Deus; n'isto consistem as boas obras, sendo certo que Deus não ordenou outras. A Saneta Escriptura não falla nem

de cirios, nem de palmas, nem de missas pelo resgate das almas, nem do culto dos sanctos. Deus, pelo contrario, prohibiu abertamente taes practicas, deu-nos o sancto sacramento como penhór e signal da remissão dos nossos peccados, mas não foi para o metter n'uma custodia de ouro ou prata e leval-o em passeio pelas ruas (\*). Tal foi a profissão de fé que fez Gustavo Vasa, e que, segundo dizem alguns historiadores, basta para justificar a sua mudança de religião e a de todos os seus subditos. Succedeu-lhe seu filho Eric. Gustavo Vasa abdicou n'elle para poder consagrar-se mais de perto á salvação da sua alma e preparar-se, pois que a fraqueza das suas forças lh'o annunciava, para subir á presença de Deus. Morreu pouco tempo depois chorado por todo o seu povo, e deixando a Suecia feliz e prospera. Eric herdou-lhe o valor, mas não os merecimentos e as qualidades, o seu reinado começou por luctas com seus proprios irmãos que, investidos na posse dos ducados hereditarios, o inquietavam e lhe faziam sombra. Suggesto a frequentes accessos de loucura, era alternadamente caprichoso e cruel, pedindo já em casamento Isabel, rainha de Inglaterra; já Maria Stuart, rainha da Escocia; já Christina de Hesse, princeza de Lorrena; e acabando por desposar a filha de um aldeão; e então, apunhalando com um sangue frio selvagem, levado por suspeitas imaginarias, um dos mais nobres filhos da Suecia, Nicolau Sture, e derramando alguns dias depois lagrimas de *remorso e recusando* todo o alimento.

(\*) Ver a Historia dos Estados scandinavos, por Geffroy.

Todos estes excessos, juntos a outras extravagancias ruinosas, causaram-lhe a perda da corôa. Os representantes do povo suéco o declararam incapaz de reinar, e o condemnaram a um captiveiro que lhe apressou a morte. Seus filhos foram excluidos da successão, e João, seu irmão, subiu ao throno. Por influencia de sua mulher, Catharina Jagellon, filha de Sigismundo rei da Polonia, João chamou os jesuitas para os seus Estados e trabalhou pela restauração da Egreja romana entre o seu povo que, indignado de uma semelhante traição, acabou por lhe tirar as sympathias e a confiança que n'elle haviam depositado. O duque Carlos, seu irmão, que se mostrava em tudo digno de Gustavo Vassa, conquistou bem depressa todos os corações.

A' morte de João, os Estados, ciosos dos direitos e das crenças do reino, exigiram de seu filho Sigismundo, educado na Polonia nos principios catholicos de sua mãe, um decreto prohibindo outra qualquer religião que não fosse a lutherana. Em presença d'ostas medidas energicas, Sigismundo sentou-se no throno, a contento do povo; porém, não tardou em violar a sua promessa, ordenando que em cada cidade do reino fosse edificado um templo romano. Para tornar o seu prejuizo mais revoltante ainda, e para que fosse bem conhecido de todos, recusou deixar-se coroar por um prelado protestante, e concedeu essa honra ao nuncio do papa. Então a Suecia inteira protestou contra tanta audacia junta a tanta perfidia. Rodeado de Polonezes e de jesuitas, Sigismundo offendia ao mesmo tempo os sentimentos nacionaes e religiosas dos seus su-

bditos. Teve que sustentar luctas sangrentas com a população de Stockholmo e as hordas estrangeiras. No meio d'essas luctas intestinas, Sigismundo lembrando-se de que elle era tambem rei da Polonia, deixou a Suecia para não tornar mais a entrar alli. Carlos, cedendo aos votos dos Estados e fazendo callar os seus escrupulos diante dos interesses dos seus concidadãos e do seu culto ameaçado, acceitou a regencia do reino, entre os applausos do paiz, de que elle era, depois de tanto tempo, o amigo e a esperança. A confissão de Augsbourg foi de novo proclamada, e todos os Suecos presentes exclamaram: «Nossas pessoas e nossos bens, tudo o que temos n'este mundo, nós o sacrificaremos, se tanto for preciso, antes que abandonar o puro Evangelho».

Foi no meio de tão terriveis tempestades que Gustavo Adolpho veiu ao mundo. Seu baptismo, celebrado no 1.º de janeiro de 1595, deu logar a ruidosas festas populares. Segundo uma tradição, dizia-se que, dez annos antes d'aquelle dia feliz, o celebre astronomo Tycho-Brahe, tinha predicto o nascimento de um principe, que illustraria os Estados do norte da Europa e salvaria a Igreja evangelica. Sem necessitarmos de fazer obra por esta e outras lendas, todavia não podemos deixar de vêr n'ellas a expressão supersticiosa, mas sincera do enthusiasmo que saudou o herdeiro do duque da Sudermania, e presagiava os seus gloriosos destinos futuros.

O menino, segundo a expressão biblica, *cresceu em graça e sabedoria*. Suas brilhantes qualidades se

desenvolviam sob a salutar influencia de seus paes. O gosto pelas armas e a bravura militar não podiam deixar de se não manifestarem n'elle. Não ouvia fallar se não de guerras e de batalhas. Seu pae incessantemente o deixava para voar aos campos da batalha. No seu regresso, a historia das suas victorias inflammava a juvenil imaginação de seu filho e alimentava as suas inclinações bellicosas.

A assemblêa nacional da Suecia, a dieta em setembro de 1595, resolveu excluir do throno todo o candidato catholico. Sigismundo recusou subscrever a uma tal resolução, pretendendo guardar os direitos que seu pae lhe havia legado. Suas crenças tinham-lhe permitido ser successor de sua mãe e sentar-se no throno da Polonia. Esperava poder, sem renunciar a elle, collocar tambem na sua frente a corôa da Suecia. Invadiu pois este reino, e empregou todos os esforços para o obter por meio da força armada; mas depois de uma derrota decisiva, viu-se obrigado a retirar-se, depois de ter assignado uma capitulação que equivalia a uma abdicção. Seu tio e seu vencedor de regente transformou-se em rei, sob o nome de Carlos IX, e seus descendentes foram declarados pelos Estados os unicos herdeiros legitimos do throno da Suecia. Carlos tinha já n'uma occasião, recusado o logar de seu sobrinho, e, obedecendo ás novas instancias do seu paiz e á força das circumstancias, quiz todavia ficar de bem com a sua consciencia. Observou aos deputados da nação que se um dos filhos de Sigismundo abraçasse a Reforma, devia ser elle o herdeiro da corôa. Em seu tes-

tamento deixou escripta esta generosa reserva. Quando comparamos a nobreza d'esta acção com a conducta de Sigismundo, calcando aos pés todas as suas promessas, é impossivel que deixemos de reconhecer no rei da Polonia o discipulo dos jesuitas, e em Carlos o discipulo de uma religião que antes de tudo falla á consciencia.

Depois da guerra contra os Polonezes invasores, Carlos teve que defender o seu poder no continente. A Finlandia, sublevada pelas intrigas de Sigismundo, não se submetteu senão depois de uma lucta sanguinolenta. Gustavo acompanhou seu pae n'esta ultima expedição, tinha então apenas sete annos de idade. O navio que os conduzia foi surpreendido pelo gelo, e o filho foi obrigado a continuar a jornada a pé por entre os rigores do inverno tal como se faz sentir na Russia e nos paizes septentrionaes. A robustez da sua constituição venceu porém, esta difficuldade, sem que a saude do joven principe soffresse a mais leve alteração.

Conta-se um facto que mostra quanto a sua alma era tão intrepida como o seu corpo. Passeava um dia n'um prado nos arredores de Stockholmo, andava por alli na mais completa liberdade, quando se lembrou de se dirigir para um souto, affastando-se muito das pessoas que o acompanhavam. Procuraram detel-o pelo medo, dizendo-lhe que n'aquelle sitio haviam muitas serpentes. «Pois bem!— respondeu elle — dae-me um pau para qte as mate.»

Gostava muito de ver os preparativos militares, e revelava assim, em sua tenra idade, as suas disposi-

ções para as armas. Visitando com seu pae a armada sueca, em Calmar, um official perguntou-lhe que navio escolheria de preferencia, quando emprehendesse a sua primeira viagem: «No *Cavalleiro Negro*» — disse elle — (assim se chamava um dos navios). Perguntaram-lhe a razão: «E' porque — respondeu elle immediatamente — tem mais canhões que os outros.»

Um outro facto succedido nos primeiros annos da vida de Gustavo Adolpho, denota claramente uma generosidade não menos notavel que a sua coragem. Um aldeão levou-lhe um dia um lindo cavallo de pequena estatura, da ilha de (Eland, cujos cavallos têm nome em todo o norte da Europa. Aquelle bom camponez pediu ao príncipe que acceitasse o cavallinho como um fraco testemunho da sua dedicação. «Com muito gosto acceito o presente — disse Gustavo — mas eu quero pagar-vol-o. Tendes necessidade de dinheiro, e esta divina é superior ás vossas forças.» Dizendo isto, tirou a sua bolsa cheia de ducados, e esvasiou-a toda nas mãos do camponez, que ficou como estupefacto em presença de tanto desinteresse e magnanimidade d'aquelle menino.

A intelligencia de Gustavo surprehendia a todos. Antes da idade dos dezeseis annos, tinha aprendido seis linguas. Conhecia perfeitamente o sueco, o latim, o allemão, o hollandez, o francez e o italiano. Fallava tambem um pouco o russo e o polonez. Seu pae não se limitou a cultivar só o seu espirito; cuidou de uma maneira especial do seu coração. Inspirou-lhe os habitos laboriosos e o exercitou na practica de todas as virtu-

des que fazem as grandes almas e os bons christãos. Deu-lhe uma instrucção christã muito completa, e pol-o em estado de dar testemunho da sua fé. Esforçou-se antes por lhe fazer amar os principios da Reforma que comprehendel-os. Quiz que a religião fosse antes de tudo, para seu filho, a grande questão do coração. N'uma palavra, Carlos IX preparou seu filho de modo a ser capaz e digno de governar a Suecia.

Existe ainda a carta em que este sabio monarcha dava a seu filho, com o seu ultimo adeus n'este mundo, os seus ultimos conselhos. «Antes de tudo—disse-lhe elle: Teme a Deus. . . honra a teu pae e tua mãe; testemunha a teus irmãos e a tuas irmãs uma profunda affeição; ama os fieis servos de teu pae; recompensa cada um segundo os seus meritos; sê humano com teus subditos; castiga os maus; ama o bem; confia em todos, mas com reserva; observa as leis sem fazeres distincção de pessoas; não destrua os seus privilegios, quando são bem fundados e não são contrarios á lei».

Encontra-se n'estas maximas esta linguagem simples e austera, esta educação forte que formava esses caracteres nobres e resolutos, esses homens de ferro cujo typo sublime a effeminação dos costumes modernos vae pouco e pouco apagando.

A mãe de Gustavo Adolpho contribuiu tambem para o desenvolvimento dos numerosos dons que Deus lhe havia concedido. Ella secundou perfeitamente seu marido, e se acautellou bem d'essas complacencias perigosas, que aconselham muitas vezes ás mulheres uma



ternura mal entendida. Sevéra, e talvez um pouco altiva, não soffria a mais pequena opposição ás suas ordens, e prescrevia ás suas aias uma tarefa diaria cujo stricto cumprimento exigia. Suas virtudes eram um exemplo para todos, e a côrte, graças a ella, era sem perigos para seu filho.

Tinha uma grande predilecção por seu segundo filho, Carlos Philippe. Sua conducta teria podido irritar a affecção do mais velho e originar divisões na familia; mas Gustavo era bom filho para se queixar de sua mãe, e muito bom irmão para ser invejoso.

Carlos não encontrou nada melhor, para completar a educação de seu filho, que acostumar-o desde os mais tenros annos aos negocios e á pratica da vida, coisas que os livros não ensinam. Elle o fez assistir, desde a idade dos dez annos ás reuniões dos conselheiros da corôa e ás diversas assemblêas publicas. Permittia mesmo que se entretivesse na sua presença, com os personagens estrangeiros que, de tempo a tempo, vinham tomar parte n'estas assemblêas. O joven principe causava admiracção a todos, fallando de batalhas e de organisação militar como um velho general, e interrogando com o ardor de uma creança, cuja curiosidade nunca é satisfeita.

Aos quatorze annos, o rei mandou-o com sua mãe ao norte da Suecia, para que conhecesse os seus futuros subditos e fosse por elles conhecido. Recommendeu-lhe que escutasse todos aquelles que solicitassem o seu valimento, auxilial-os segundo os seus meios, e de não despedir ninguem sem consolação. Esta viagem teve

um grande successo. Aos quinze annos, pediu para commandar um exercito contra os Russos; mas o seu pedido não foi acceito, e a campanha fez-se sem elle.

Todavia, quando em abril de 1611, a Dinamarca declarou guerra á Suecia, Gustavo Adolpho obteve de seu pae o commando das tropas. Pôz-se logo em marcha para livrar Calmar, sitiada pelos dinamarquezes. Manifestou desde o principio até ao fim d'esta guerra, as qualidades de um grande guerreiro, e dirigiu todas as operações por uma forma admiravel. A confiança que elle tinha inspirado era tal, que o rei partiu para celebrar uma dicta, e o deixou só á frente do exercito.

No caminho, Carlos foi acommettido por uma grave enfermidade. Proximo o seu fim, aquelles que o cercavam, lamentavam as desgraças que a sua morte causaria á Suecia, pois que estava por acabar a obra começada. Então o velho rei, pondo a mão sobre a frente de seu filho, que tinha vindo recolher o seu ultimo suspiro, disse em voz fraca, mas convicta: *Illé faciet* (elle o fará). Morreu a 10 de outubro de 1611, na idade de 61 annos.

---

## REINADO DE GUSTAVO ADOLPHO

Seu valor—Suas virtudes domesticas—Sua piedade.

Gustavo Adolpho tinha dezeseite annos quando succedeu a seu pae. Faltavam-lhe ainda sete annos para a sua maioridade. A sua sisudez e circumspecção tão precoces e unicas na historia tornavam-o altamente digno. d'esta graça. A sua capacidade tinha sido provada na guerra que a nação sustentara com os dinamarquezes. Elle continuou a lucta com felicidade, e o rei da Dinamarca renunciou por fim ás suas pretensões ao throno da Suecia. Em seguida foi chamado á Russia para auxiliar o partido que tinha offerecido a corôa a seu irmão.

O competidor de Carlos Philippe era Uladislas, filho de Sigismundo, rei da Polonia, desthronado na guerra da Suecia. Para acabar com as dissensões que haviam entre si, os Russos renunciaram a estes dois principes, e de commum accordo escolheram entre elles um principe. Gustavo Adolpho consentiu na paz, e obteve, a preço da sua desistencia, um augmento de territorio que de novo lhe cedeu o soberano. «Esta curta guerra, diz um historiador, tinha sido uma dura eschola para o joven rei da Suecia; tinha combatido sob as ordens do seu bravo condestavel, Thiago de Gardie, cujo valor impressionou por tal forma os Rus-

«sos, que collocaram o seu nome no seu kalendario de cretando-lhe honras religiosas.»

Depois de ter aperfeiçoado pela experiencia os seus raros talentos militares, Gustavo Adolpho, auxiliado por generaes distinctos e valorosos, viu facilmente o fim do eterno inimigo da sua raça, Sigismundo, que trabalhava para o desthonar e que já se tinha apoderado de uma das provincias continentaes do seu reino. Obrigou-o a retirar-se, e arrancou mesmo muitas cidades á Prussia, que o havia favorecido.

Todas estas victorias asseguraram-lhe o throno, tão terrivelmente ameaçado. O desinteresse dos Suecos, cuja dedicação pelo seu rei não recuava diante de nenhum sacrificio junto a uma sabia administração, levantou o thesouro publico do ruinoso estado em que se encontrava, por causa de tantas guerras, que o haviam por completo esgotado.

Como já fizemos notar, jámais rei algum tomou as redêas do governo em circumstancias mais difficeis. (\*) Jámais tambem, devemos acrescentar, ninguem venceu mais rapidamente os obstaculos. Foi-lhe preciso de algum modo conquistar a sua herança e pagar com o seu sangue os seus direitos ao throno. Não desembainhou a espada por espirito de conquista nem por amor das batalhas; o interesse pelo bem do seu paiz foi o seu unico fim, e não fez a guerra senão para obter a

---

(\*) O dinheiro era tão raro, que Gustavo vendeu, para sustentar a guerra, a sua baixella e todos os objectos de valor. Muitos personagens do reino tambem o imitaram.

paz. Reprimia severamente todo o acto de vingança, e dava o exemplo da coragem durante o combate, e o da generosidade depois da victoria. Cheio de solicitude pelos seus soldados, não tolerava da parte d'ella nenhum acto de licenciosidade, e entre elles fazia reinar a religião e os bons costumes. O culto era celebrado regularmente. De manhã e á noite, o exercito dobrava os joelhos diante de Deus e implorava as suas graças. O rei apparecia em toda a parte. Ora o encontravam prodigalizando conselho a uns e resignação a outros, especialmente nas ambulancias á cabeceira dos feridos; ora trabalhando com o alvião nas mãos nas trincheiras. Mantendo a mais rigorosa disciplina, aboliu as bastonadas, e mostrou-se mais cioso dos direitos da dignidade humana do que hoje em dia observamos em muitos paizes civilizados. Tão prudente como valoroso, cercava-se de sabios conselheiros, e consultava sempre os Estados do reino antes de tomar qualquer resolução.

A energia de seu character e a força do seu tempoamento são inconcebiveis. Doente ou ferido, jámais se queixava, e nem mesmo pensava no seu estado. Durante a guerra da Russia foi acommettido de uma febre intermittente. Bem longe de guardar o leito, elle passava o tempo a jogar as armas com um dos officiaes da sua côrte, e tanto enthusiasmo manifestou por este exercicio, que sobreveiu-lhe uma abundante transpiração, e a febre o deixou.

Foi muitas vezes preservado da morte como que por milagre. Durante a campanha da Livonia contra os Polonezes, uma peça de artilheria cahiu no logar,

que elle tinha deixado instantes antes. N'uma outra occasião, muitas pessoas cahiram feridas a seu lado pela metralha, e tão proximo de si, que o sangue salpicou os seus vestidos. Um instante depois, uma balla atravessou a sua tenda e passou-lhe por cima da cabeça. Em Dantzic, deu ordem a sete canoas de construir um reducto, e, para ficar mais seguro do seu resultado, elle proprio dirigia uma d'essas embarcações. Recebeu, por essa occasião, um tiro no ventre, o ferimento era grave, e comtudo, n'aquelle mesmo dia, Gustavo escreveu aos Estados o seguinte: «Como de parte a parte se luctou corajosa e porfiadamente, tambem fiquei ferido, dou porém, graças a Deus porque a minha vida e saude não correm perigo, e espero que, dentro de alguns dias, poderei retomar o commando em chefe.» Tres mezes depois, foi novamente ferido n'um combate travado na Prussia com as tropas do Duque de Brandebourg vassallo e alliado do seu rival, o rei da Polonia. No dia seguinte ao do ferimento, dirigiu, como em Dantzic uma carta onde não sabemos que admirar mais se a coragem se a resignação do seu author.

«Nós nos apresentamos, dizia elle, a pé e a cavallo diante do inimigo, e fizemos manejar tão bem a artilheria, que julgamos que o inimigo seria posto em debandada; Deus porém, não o quiz assim. Chegados a um ponto d'onde nós queriamos desalojar-o, um tiro de espingarda me feriu na espadua perto do pescoço. E' isto o que nos impediu de levar a batalha ao fim. Dou todavia graças a Deus que me permite esperar o prompto restabelecimento da minha saude.»

Pelos fins da mesma guerra contra a Polonia e a Prussia, Gustavo Adolpho correu ainda um grande perigo. Um exercito austriaco, composto de oito mil homens de infantaria e dois mil de cavallaria, veiu em soccorro da Polonia. Gustavo Adolpho mandou perguntar a Wallenstein, Duque de Friédland, que o tinha enviado, que motivo tinha a Austria para se intrometter nos seus negocios. Wallenstein respondeu arrogantemente: «O imperador, meu senhor, tem muitas tropas, e julgou-se obrigado a mandal-as aos seus amigos.» Para combater estes novos adversarios, o rei da Suecia tinha necessidade de reforços, e elle queria, enquanto os esperava, refugiar-se por detraz das muralhas de Marienbourg, uma das cidades que elle havia tomado aos Prussianos, porém um dos seus generaes teve que dar batalha aos Imperiaes, e expor assim a força do exercito que commandava a uma derrota completa. Já os batalhões suecos estavam para se entregar a Wallenstein, quando Gustavo Adolpho, avisado d'isso, correu a toda a pressa para os soccorrer. Perdido, por assim dizer, no meio d'aquella enorme confusão, viu-se em risco de ser apanhado por um soldado da cavallaria inimiga, cuja espada brilhou sob a sua cabeça e fez cahir-lhe o chapéu. Escapou d'este perigo, mas cahiu entre as mãos de um outro cavallaria, que o segura pelo braço. N'esta occasião Gustavo Adolpho teria sido victima, se um dragão suéco não corresse em sua defeza e não o tivesse livrado matando o soldado austriaco.

A Providencia protegia visivelmente os dias do rei da Suecia e o reservava para grandes destinos. Gusta-

vo Adolpho foi sempre reconhecido a esta divina protecção. No meio das mais sanguinolentas batalhas como no remanso do seu palacio sentia-se sob o olhar de Deus, e tudo punha nas suas mãos. «Deus—dizia elle muitas vezes—deu-me a corôa, não para eu me arreceiar dos inimigos da minha patria ou para viver na ociosidade, mas sim para consagrar a minha vida á sua gloria e á felicidade do meu povo». A gloria de Deus foi, effectivamente, o fim continuo de Gustavo Adolpho. Sua fé transparece em todas as suas palavras. A causa do Evangelho foi a sua, e o seu triumpho o seu voto o mais ardente. Senhor da Prussia até Dantzig, o seu primeiro cuidado foi escrever aos governadores das cidades conquistadas recommendando-lhes que restituissem aos protestantes os logares do culto que os catholicos lhes haviam tirado. Recommendou tambem aos pastores que prégassem fielmente a palavra de Deus; que celebrassem a Sancta Ceia com todo o respeito e cuidado, e que em todos despertassem o espirito christão. Um synodo devia reunir-se todos os annos para se occupar da administração das egrejas, das escholas e da instrucção superior da mocidade.

Não podia Gustavo levar a bem os juramentos, bem como as palavras ligeiras e irrespeitosas sobre a religião. Encontravam-o muitas vezes só a ler a Biblia. «Eu procuro, dizia elle, fortificar o meu espirito pela meditação da Sancta Palavra contra os seductores perversos; uma pessoa da minha posição não deve dar conta das suas acções senão a Deus, e é precisamente esta independencia que produz um grande numero de



tentações, contra as quaes nada podem os guardas do nosso palacio.»

Uma vez, porque elle esqueceu esta sancta vigilancia esquecendo-se de Deus, entregou-se, durante a guerra da Russia, a uma inclinação criminosa pela filha de um colono hollandez, empregado no exercito suéco. Uma creança, conhecida mais tarde pelo nome de Gustavo de Wanaborg, foi o fructo d'esta inclinação; mas esta loucura da mocidade não foi seguida de nenhuma outra, e, depois d'esta época até ao fim da sua vida, Gustavo Adolpho mereceu, pela pureza dos seus costumes, de ser o exemplo de todos os seus soldados. «Elle deu, como diz um historiador, tudo á acção, nada ao prazer, e foi sempre em tudo grande.»

Riga tinha-se defendido até á ultima, e tinha feito soffrer perdas consideraveis ao exercito suéco. Depois da tomada d'esta cidade, todos esperavam, como consequencia da sua resistencia, um castigo terrivel. Gustavo Adolpho, porém, manifestou n'essa occasião os seus sentimentos evangelicos, tractou os vencidos com a maior doçura, e esta sua conducta foi objecto de admiração tanto da parte dos seus amigos como dos seus adversarios.

A sua vida domestica era tão bella e digna como a sua vida publica.

Amando todos os seus parentes, era para sua mãe o filho o mais respeitoso e o mais terno. As emi-nencias do poder não mudaram os seus sentimentos a este respeito. Depois da sua subida ao throno, pediu a

sua mãe que estivesse sempre na sua companhia, e que nunca se affastasse d'elle.

Depois do cerco de Riga, seu irmão Carlos Philippe cahindo enfermo, Gustavo o cercou de cuidados tão assiduos e tão delicados que o joven duque escreveu o seguinte a sua irmã Catharina: «A conversação do rei é tão interessante, a sua companhia tão agradável, que o tempo passa sem que eu pense na minha enfermidade.» A morte d'este príncipe dilacerou o coração de Gustavo Adolpho, e manifestou o seu pesar na seguinte carta: «O seu coração não se deixava vencer pela desgraça e pelos revezes. Apesar dos seus tenros annos, elle amava muito o seu paiz para se deixar ficar tranquillo no palacio, quando a Polonia atacava a Suecia. Procurou inflammar a coragem dos manebos nobres. O' patria, o que não perdeste!?»

Carlos Philippe dava as mais bellas esperanças.

Acabava de completar os seus vinte e um annos...

A familia real da Suecia, que contava, alguns annos antes, trez membros, viu-se reduzida a um só. Gustavo Adolpho casou-se com a bella Maria—Eléonore da casa de Brandebourg! Nenhum casamento real jámais se celebrou sob tão felizes auspicios. Depois de muito tempo, ella era amada como princeza e desejada pelo rei como espoza. O dom do coração tinha precedido o da mão. (\*)

A piedade presidiu tambem á escolha do monar-

---

(\*) *Historia de Gustavo—Adolpho*, por Frijyxell, traduzida do sueco por mad.<sup>me</sup> du Puget.

cha. Durante a sua curta estada em Berlim, onde tinha ido pedir o consentimento da mãe da princeza, elle não desprezou os seus deveres religiosos, e foi ao templo para implorar a benção do Altissimo sobre o seu casamento. Esteve tão attento ao sermão que reteve na memoria os pontos principaes.

O seu casamento foi celebrado com muita pompa, a 28 de novembro de 1620, no castello de Stockholmo; mas a sua felicidade domestica foi perturbada no momento em que nada faltava para a tornar completa. O primeiro filho de Maria—Eléonore, ao vir ao mundo, mudou aquelle dia de festa n'um dia de luto. Gustavo Adolpho sentiu vivamente esta prova, mas soube ver n'ella a vontade do Pae celeste que o castigava, e se humilhou sob a mão poderosa d'aquelle que, como se exprime um celebre orador, dicta a lei aos reis e lhes dá, quando lhes apraz, grandes e terriveis lições... «E' preciso que eu vos conte—escrevia elle a seu cunhado o Duque de Brandebourg— as tristezas da minha caza. Deus me castigou dando a minha mulher um filho morto.» A sua resignação não foi posta em duvida, quando, no anno seguinte, lhe succedeu uma desgraça igual, e fez-lhe receiar que morreria sem herdeiros. Emfim, teve uma filha, e ainda que desejasse muito um filho, recebeu a menina nos seus braços, prodigalisou-lhe as suas caricias e exclamou: «Deus seja louvado! Todo o meu desejo é que esta filha valha para mim um filho. Que Deus que m'a deu, m'a conserve!» Depois acrescentou sorrindo: «Ella será muito esperta porque nos enganou a todos.» Dizia isto

como allusão ás suas esperanças e ás do seu povo, que cria como certo o nascimento do un principe. Mal elle pensava que as suas palavras seriam um dia duplamente verdadeiras, e que a filha de Gustavo Adolpho deshonraria o seu nome pela devassidão e pela apostasia (\*) Que triste prophesia no gracejo do rei, e como ella mostra bem que a fé não é hereditaria mas pessoal!? Deus poupou ao heroe christão a dor de assistir a esta dupla vergonha!

---

(\*) Christina, filha de Gustavo Adolpho, idolatrada pelos Suecos por causa de seu pae, trahiu os seus affectos cercan-do-se de homens corruptos e dilapidando, para satisfazer os seus ruíns caprichos, as finanças do Estado. Cançada da sua vida desregrada, abdicou e abjurou na Belgica. Viveu algum tempo em França, onde assassinou Monaldeschi, seu amante. Morreu em Roma.

---

## A GUERRA DOS TRINTA ANNOS

Seu principio—Intervenção de Gustavo-Adolpho—Sua partida

Chegou enfim o momento em que Gustavo Adolpho ia representar o papel que a Providencia lhe destinára. Desde muito tempo, que elle ardia no desejo de derramar o seu sangue pela igreja evangelica, atacado no seu berço. Os perigos e os soffrimentos dos protestantes da Allemanha excitaram as suas mais vivas sympathias.

As suas desventuras e os seus pesares echôaram dolorosamente em seu coração. Occupado por tres guerras que seu pae lhe havia legado, não teve remedio senão addiar os seus projectos e assistir, como testemunha affastada, aos principios da guerra dos Trinta Annos.

A paz de Augsbourg, arrancada a Carlos Quinto pelos lutheranos victoriosos, parecia, concedendo a liberdade de consciencia, ter acabado com a lucta entre o catholicismo romano e a Reforma evangelica. Mas esta paz não foi mais que uma curta tregua. Fieis aos principios da igreja romana, que jámais adimittiu outra fé religiosa que a sua, e tem sempre considerado como rebeldes e inimigos da verdade divina, cujo

unico e infallivel orgão ella se proclama, todos aquelles que recusavam acceitar as suas doutrinas e as suas practicas, os jesuitas, espalhados no imperio, incitavam a uma ruptura do tractado de paz, e obrigavam, á força das armas imperiaes, á conversão lenta dos hereges. Era precisa, porém, um pretexto para recommear as hostilidades. (\*) A Bohemia não tardou a fornecer o pretexto. Este paiz, patria do celebre precursor da Reforma, João Huss, condemnado a ser lançado á fogueira por deliberação do concilio de Constança, tinha principiado a separar-se de Roma por motivo da celebração da Sancta Ceia e acabara por abraçar o Protestantismo. O imperador Rodolpho II foi forçado então a permittir o livre exercicio da religião reformada. Reconheceu tambem para os Bohemios o direito de abrirem novas egrejas e novas eschololas, segundo a necessidade o demonstrasse, e convocar os seus synodos. Todas estas concessões, pedidas por um povo que estava resolvido a conquistal-as com as armas na mão, foram consignadas, a 4 de julho de 1609, n'uma carta conhecida pelo nome de *carta real*. Mathias, irmão e successor de Rodolpho, não sómente confirmou, mas ainda augmentou as liberdades religiosas de Bohemia e deu-lhe como rei o herdeiro da corôa imperial, seu sobrinho, Fernando de Gratz, archiducque da Styria. Este jurou a principio manter as fran-

---

(\*) Os jesuitas—diz Schiller na sua *Historia da guerra dos Trinta Annos*—proclamaram por toda a Allemanha que esta paz (a paz de Augsbourg) era condemnada pela côrte de Roma.

quias estipuladas na *carta real*; mas este juramento era ficticio. Devotado aos interesses do catholicismo e subdito docil da corte de Roma, contava com o papa para sancionar o seu perjurio, e pensava, como outros principes catholicos cujo exemplo o animava, que *para um herege não havia a respeitar nem fé nem honra*. «Valia mais, dizia elle, governar um deserto do que uma nação de hereges». Com um tal homem, a intolerancia e a perseguição religiosa eram inevitaveis. Os protestantes de posição foram immediatamente excluidos das honras e despojados dos seus empregos. Os ministros da corôa, que administravam o reino, foram escolhidos entre os inimigos declarados das crengas da maioria da nação, os quaes exerceram sobre os protestantes toda a sorte de vexações. Fernando bem depressa, zombando de todos os direitos, de todos os tractados e de todas as promessas, combate as reclamações dos seus subditos junto do Imperador, seu tio e seu suzerano, e o leva a prohibir todos os ajuntamentos religiosos. A indignação dos Bohemios chega então ao seu auge. Não contente de lhes impor um soberano que elles detestam, Mathias approva todas as violencias de que são victimas, e elle é o primeiro a proclamar abertamente a abolição dos seus privilegios e a escravidão da sua consciencia. O concelho da regencia, composto de catholicos exaltados, foi tido pelo povo como o verdadeiro author do procedimento do Imperador e como o instigador das ordens iniquas vindas de Viena. Immediatamente o povo corre ao castello de Praga, onde o concelho se achava reunido. Os deputados

das provincias protestantes, que marchavam á frente da multidão amotinada, intimam o presidente e os seus collegas a darem explicações, e a declararem se a ordem imperial tinha sido ou não redigida por elles, ou tinha vindo da Bohemia, para voltar alli, afim de ser assignada por Mathias. Dois d'estes altos funcionarios do imperio fallaram com toda a prudencia e elevação. Limitaram-se a expulsal-os do palacio. Os outros dois acolheram os representantes da nação com insultos e ameaças. A irritação do povo toca então as raias do furor, e os dois conselheiros são lançados das janellas para os fossos que cercam o palacio. A mesma sorte teve o secretario, seu cumplice.

«O mundo civilisado—diz Schiller—(\*) se admirou, e com rasão, d'este procedimento selvagem. Os Bohemios se desculparam confessando que este era um antigo costume do paiz, e nada de extraordinario viam em tal acontecimento, a não ser que aquelles, a quem justicaram por tal forma, ficassem sãos e salvos. Deveram isto ao montão de imundicies sobre o qual cahiram, e que, amparando-lhes a queda, lhe salvaram a vida. Esta execução, conhecida na historia sob o nome «Das janellas abaixo do palacio de Praga» inaugurou a guerra dos Trinta annos, a 23 de maio de 1618.

Depois de uma tal violencia, não restava aos Bohemios outro caminho senão as armas para defender as suas pessoas e a sua religião. Toda a negociação era impossivel, e sómente a força é que lhes podia restituir

---

(\*) Schiller, *Guerra dos Trinta Annos*.



os seus direitos. Tambem, com uma presteza e uma energia dignas da gravidade das circumstancias e da importancia da sua causa, constituem um governo nacional, e fazem saber a Fernando, seu rei, que elles se julgam livres de toda a promessa em face do procedimento de um principe, que não tinha cessado de conspirar contra a fé e as leis dos seus subditos. Os jesuitas, que tinham provocado todos os seus males e destruido por suas intrigas a tranquillidade da Bohemia, foram expulsos. Os trinta directores, escolhidos entre os deputados, para administrar os negocios publicos, convidam todos os protesantes do reino a secundar o movimento nacional, e preparam um exercito cujo commando é entregue ao conde de Thurn, o author da revolta, que tinha obrigado Rodolpho a assignar a celebre *carta regia*, e o principal defensor da liberdade civil e religiosa da Bohemia. Dirigiram ao mesmo tempo um manifesto aos Hungaros, aos Moravos e aos Silesianos assim como aos irmãos da União Evangelica, formada pelos principes protestantes da Allemanha contra o Papa e o Imperador, seus inimigos communs. Mathias com o ouro e os soldados da egreja reúne um exercito, e manda-o combater os heres; mas duas derrotas successivas ensinaram aos Imperiaes que é difficil vencer um povo que combate por sua religião e por sua independencia.

Pelo mesmo tempo, e afim de proseguir nos seus primeiros triumphos, a União evangelica mandou em soccorro dos seus correligionarios um reforço de quatro mil homens, sob o commando do conde do Manifeld.

Este habil capitão assignalou a sua chegada á Bohemia com a tomada de Pilsen, a mais forte das tres cidades do reino, em que dominavam os catholicos, e a mais devotada ao Imperador. Esta nova perda parecia dever assegurar o triumpho dos Bohemios e a conquista dos seus direitos. Mathias propunha a paz, no momento em que a morte o surprehendeu, deixando a corôa ao proscripto da Bohemia, ao inimigo irreconciliavel da Reforma, Fernando de Styria. Com o novo imperador, era perdida toda a esperança de paz. O conde de Thurn continûa firme no seu posto, e de victoria em victoria chega até ás portas de Vienna. Engrossa o seu exercito com os descontentes das provincias protestantes, victimas de toda a sorte de violencias e injustiças contra ellas exercidas pelo fanatismo de Fernando, e agora eil-o ali prompto a dictar ordens ao Imperador no seu proprio palacio e dispor da sorte do imperio. A guarnição está sem forças; a cidade desmantellada. Os membros dos Estados instam com Fernando a que poupe a capital aos horrores da guerra, e querem obrigar-o a render-se. O Imperador recusa com inquebrantavel firmeza e dá tempo a que um troço das suas tropas entre na cidade para impor silencio aos descontentes e fazer frente aos sitiantes, a quem a noticia dos acontecimentos dos Austriacos na Bohemia e o receio de ver a sua propria capital sitiada, forçam-os a retirar-se.

Todavia, para mais facilmente se verem livres do dominio de Fernando, os Bohemios escolheram para rei o eleitor palatino, Frederico V, que se podia con-

siderar como o chefe da Reforma na Allemanha, pois que era elle o chefe da União evangelica. Esta eleição, saudada pelas aclamações entusiasticas do povo, teve logar a 26 de agosto de 1619. Este reinado, porém, começado sob tão bons auspicios, foi de curta duração. O joven rei da Bohemia viu-se bem depressa abandonado de todos os principes protestantes com cujo apoio elle contava. A inveja e a politica habil de Fernando, pouco a pouco os foram desviando do seu proposito. Encontrou-se só com os seus subditos contra as tropas reunidas da Austria e da Liga catholica, cujo chefe Maximiliano, duque da Baviera, tinha prometido o seu apoio ao Imperador, seu sobrinho. Os Bohemios, desanimados e inferiores em numero, foram batidos na batalha da Montanha-Branca, perto de Praga, a 8 de novembro de 1621. No dia seguinte, a capital da Bohemia era tomada, e o desgraçado Ferderico posto em fuga com os chefes da insurreição. Todas as outras cidades se entregaram por sua vez; os representantes dos Estados prestaram juramento de fidelidade ao Imperador, e a Moravia e a Silesia imitaram-lhe o exemplo.

Senhor da situação, Fernando fingiu, durante tres mezes, esquecer os seus odios os seus aggravos contra a Bohemia; e, desde que enganados por uma amnistia apparente, os chefes da revolta appareceram em Praga, o Imperador deixou cahir a mascara. No mesmo dia e á mesma hora, quarenta e oito dos principes rebeldes foram presos e levados diante de um tribunal militar. Vinte e sete dentro elles foram guilhotinados.

Um grande numero de pessoas do povo foram condemnados ao mesmo supplicio. A confiscação e o exilio foram o castigo dos outros authores da insurreiçãõ. Todas as egrejas protestantes foram fechadas, e, em uma sessão solemne dos Estados, Fernando II rasgou as *cartas regias*, lançando elle proprio os fragmentos ao fogo. Depois, para começar a sua vingança, desterrou o eleito da Bohemia, Ferderico, despojando-o dos seus Estados hereditarios que elle deu a Maximiliano em recompensa dos seus bons serviços.

Em vão alguns principes protestantes indignados de uma expolição, que era uma ameaça para as suas corôas, quizeram oppor-se a um tal despotismo. O general, Duque de Baviera, Tilly venceu-os, e Fernando não conheceu mais outros limites ao seu poder que a sua propria vontade. Fez pezar então sobre a Allemanha protestante um sceptro de ferro e a tractou como um paiz conquistado. Tilly percorria as provincias, sequestrando e roubando tudo. Este exercito permanente e as injustiças sempre crescentes do côrte de Vienna levaram os protestantes ás maiores extremidades. Comprehenderam então que todas estas violencias eram o prenuncio sinistro do seu proximo exterminio. Fernando tinha feito voto de proclamar Nossa Senhora do Lorete, generalissima de seu exercito, e de defender o seu culto, com risco mesmo da sua vida, por toda a parte em que podessem chegar as suas armas. Era facil prever, que animado pelas suas numerosas victorias, estava em vias de realisar o seu voto.

N'este estado de coisas, os Estados da Baixa-Sa-

xonia que viviam debaixo d'aquelle jugo de ferro, irritados por tanto soffrimento, inquietos pelo futuro, uniram-se por meio de um tractado, para o fim de se defenderem contra as injustas aggressões e repellir a força com a força. Muito fracos por si mesmos, procuraram, antes de ferir a lucta, alliados fóra da Allemanha e se dirigiram, n'este sentido, ás potencias do Norte que partilhavam essa fé. Gustavo Adolpho, retido n'essa occasião na Polonia pelas tropas de Sigmundo, teria por certo accettato o commando das tropas da Liga protestante, honra que ninguem merecia mais que elle. Offerecia tambem um exercito numeroso e aguerrido; mas o rei da Dinamarca, Christiano IV; sobrinho de Frederico V, o eleitor palatino, e membro soberano do circulo da Baixa-Saxonia, foi preferido a Gustavo, na sua qualidade de Duque de Holstein.

Invejoso da gloria de Gustavo Adolpho e feliz de ter occasião de adquirir um renome não menos brilhante, Christiano abre a campanha, no mez de março de 1625, com sessenta mil homens. Sua incapacidade, depois de alguns encontros mal succedidos, não tardou a comprometter a causa que elle queria servir. Perde a batalha de Hutter e é derrotado por Tilly que o persegue até á fronteira dos seus Estados. Para cumulo da desgraça, no momento em que elle se preparava para reparar as perdas soffridas, augmentando o seu exercito com os reforços que lhe tinham vindo da Inglaterra e da Escocia, Fernando lhe oppoz um adversario mais terrivel ainda que Tilly. Walens-

tein appareceu no campo da guerra para secundar os esforços da Liga catholica e occupar o primeiro logar.

Wallenstein, uma das pessoas mais ricas da Bohemia, era celebre pelo seu genio militar. Tinha dado em muitas campanhas, provas da sua grande tatica e da sua dedicacão pela causa da Austria. Coronel na batalha da Montanha Branca, tinha conquistado por seu valor e talentos o grau de general em chefe. Tinha justificado esta promocão rapida do posto, expulsando da Moravia as tropas hugaras, e, em proço do seu brilhante triumpho, recebeu uma parte dos bens e riquezas dos seus infelizes compatriotas. Propoz ao Imperador que lhe dêsse algumas tropas e que o encarregasse da direccão da Liga. Fernando accitou um tal offerecimento que favorecia os seus desejos mais queridos, e Wallenstein (\*) «bem depressa reuniu sob suas bandeiras um exercito numeroso de todos os pontos da Allemanha.» Este exercito, de cincoenta mil homens, depois de ter batido e dispersado as tropas de Mansfeld, o mais valioso auxiliar do rei da Dinamarca, faz render, dentro de alguns dias, a Silesia, a Baixa-Saxonia e o ducado de Holstein. Receiando então os infortunios do seu reino, o qual o Imperador promettia publicamente a Wallenstein, Christiano deu-se pressa em aproveitar a derrota dos imperiaes em Stralsund para retomar a Jutlandia, Slesvig e Holstein, e obter a paz que foi concluida em Lubeck, a 22 de maio de 1629. A Austria restituia ao rei da Dinamarca as suas terras,

---

(\*) *Historia moderna* por Todiére, pag. 325.

mas prohibia-lhe toda a intervenção nos negocios da Allemanha. Christiano sacrificou covardemente á sua propria segurança os seus alliados e os principios em nome dos quaes tinha pegado em armas. Elle deixou mesmo insultar em sua *presença os embaixadores* suécicos que, antes da assignatura do tractado, intercediam em favor dos duques de Mecklembourg espoliados dos seus bens em proveito de Wallenstein, já nomeado duque de Friedland.

Fernando não tinha esperado pela derrota vergonhosa de Christiano para dar um golpe mortal ao protestantismo, conforme era o seu desejo desde ha muito tempo. Desembaraçado dos Dinamarquezes, reduzidos a defender as suas proprias cazas, quiz fazer da Allemanha inteira una segunda Bohemia. A 6 de março de 1629 publicava o *edicto da restituição* que obrigava os protestantes a restituir todos os bispados, e beneficios ecclesiasticos que a paz de Augsbourg lhes havia cedido. Era decretar a ruína da Reforma, tirando-lhe os meios de viver. Era, como diz Schiller, privar os lutheranos de una fortuna proveniente tanto dos seus maiores, como dos catholicos. Era, n'uma palavra, collocar sob o dominio do clero romano os paizes que o tinham repellido. (\*)

Os soberanos catholicos tinham, além d'isso, o direito de desterrar aquelles dos seus subditos protestantes que recusassem abjurar.

---

(\*) Em Augsbourg, por exemplo, o bispo catholico, apenas foi reintegrado, prohibiu o protestantismo na sua diocese.

Wallenstein foi encarregado de fazer executar este decreto. «Devorado pela sêde do mando e das riquezas, diz um historiador, por toda a parte lançava contribuições enormes, e animava a soldadesca em fúria nas suas pilhagens.» Os jesuitas triumphavam e provocaram a perseguição de proposito e caso pensado descrevendo, n'uma linguagem cynica, o odio implacavel que a Reforma lhe inspirava.

A historia conservou o nome de um d'elles, Lourenço Forer, que dizia ás tropas vindas a Delingen com os commissarios nomeados para tomar posse, em nome do Imperador, dos bens dos protestantes: «Sêde activos, meus amigos, e se alguns vos resistirem, matae-os e queinae-os n'un fogo que faça derreter as proprias estrellas, e obrigue os anjos do céu a retirar os pés para não se queimarem.»

Um longo grito de terror echoou em toda a Allemanha. Os proprios catholicos, espoliados por Wallenstein e seus soldados, se queixaram ao Imperador. Seu proprio irmão lhe escrevia: «Vossa Magestade não póde fazer uma ideia do procedimento das tropas. Durante alguns annos que eu proprio fiz essa guerra, sei que ella deixou após de si algumas violencias; mas quando por mero entretenimento se quebram as janelas, se escalam os muros, se corta o nariz e as orelhas, se martyrisa, se rouba, se assassina, são attentados estes aos quaes os officiaes superiores podem e devem oppor-se. Eu sei perfeitamente que se procura fazer persuadir a Vossa Magestade que estas accusações não têm nenhum fundamento; mas eu espero que n'esse



ponto Vossa Magestade terá pelo menos tanta confiança em mim como n'esses senhores, que enchem a sua bolsa de sangue e dos suores do pobre povo. Poderei declarar os nomes de muitos officiaes que ha pouco tempo ainda não tinham com que se vestir; hoje possuem tresentos ou quatrocentos mil florins em bom metal. O descontentamento augmenta de uma maneira ameaçadora, e a minha consciencia não me permite que occulte a Vossa Magestade o verdadeiro estado d'estas coisas.»

Graças ás instancias do duque Maximiliano da Baviera e dos principes catholicos, o illustre mas mal visto general foi destituído, e as suas tropas foram licenciadas. Porém as medidas violentas contra os protestantes não foram suspensas, e as suas reclamações ficaram sempre sendo um objecto de irrisão. Esta terrivel oppressão durou um anno.

«Todos os principes da Allemanha, diz Richelieu em suas Memórias, offendidos e despojados, olhavam o rei da Suecia em sua miseria como os navegantes olham o porto:» (\*) As treguas que Gustavo Adolpho concluiu no mesmo anno em que foi publicado o celebre *edicto da restituição*, permittiu-lhe realisar as suas esperanças, desde muitos annos concebidas. A Suecia era o asylo de todas as victimas do fanatismo da Austria. Tambem é sem espanto que ella vê o seu rei preparar-se para ir combater o Imperador.

Gustavo Adolpho reuniu o senado em Upxel e

---

(\*) *Memorias de Richelieu*, tom. V.

lhe pintou as desgraças cada vez maiores dos seus correligionarios d'Allemanha e os perigos que ameaçavam a Suecia, se ella esperasse os Austriacos em casa, em logar de os surprehender, atacando-os princiramente. O seu chanceller e seu amigo, Oxenstiern, não approva esta guerra; não que ella lhe não parecesse justa e necessaria, mas porque, com a prudencia recciosa de um homem de Estado, elle não queria que o seu principe e a sua patria se empenhassem n'uma empresa ruinosa e incerta. Gustavo expoz-lhe os seus planos e as suas esperanças, e terminou com estas palavras: «O que póde ou não póde ser feito, só Deus o sabe. Só elle póde mudar os desejos em projectos, a vontade em execução, e um bom principio n'un bom fim.»

A linguagem, que teve para com os senadores que queriam dissuadil-o e lhe aconselhavam repouso, depois de tantos combates, tinha tanta elevação e humildade que ninguem duvidou de que elle não obedecesse a um impulso divino.» Não ha outro repouso a esperar, lhes diz, senão na eternidade.»

Desde então Gustavo Adolpho não encontrou mais obstaculo aos seus desejos. Richelieu, que n'esse tempo governava a França, favorecia esses mesmos desejos, e lhe enviou um embaixador para lhe pedir que quanto antes iniciasse a campanha, assegurando-lhe que a Allemanha inteira o receberia como a um Messias. A estas palavras lisongeiras respondeu Gustavo, com a mais nobre franqueza que tinha recebido da Allemanha noticias completamente contrarias; que o eleitor de Saxe, ainda que protestante, era alliado do Imperador,

e que a Baviera e toda a Liga catholica pegariam em armas contra elle; que contava mais com o povo que com os principes, e sobretudo mais com Deus e com a sua espada que com todo o mundo. Depois, animado por um louvavel sentimento de independencia, recusou os subsidios consideraveis que lhe eram offerecidos. «Não achei conveniente,» escrevia elle ao seu chanceller, «ligar-me ao rei de França.» Repugnava-lhe associar a sancta causa da Reforma á politica astuciosa de Richelieu, que não tinha outro fim em vista senão abater a Austria, cujo poder immenso excitava os seus receios e irritava o seu orgulho. Repugnava-lhe sobretudo unir-se ao cardeal, que tinha tomado Rochella e vencido os protestantes francezes.

Com os seus proprios recursos, Gustavo Adolpho não hesitou lutar contra um soberano, temido de toda a Europa e que se julgava invencivel. Mandou-lhe pedir o restabelecimento da Allemanha nos seus antigos direitos, não aceitando a paz senão n'esta condição. Ouvindo tão altiva mensagem, o commissario do Imperador, que a recebeu, exclamou: «O rei da Suecia fallaria de outra maneira se estivesse no centro da Allemanha, embora cercado do seu exercito victorioso.»

Ao mesmo tempo Gustavo Adolpho activou os preparativos da expedição. Ao saber isto, Fernando disse com um certo desdem: «Vamos ter ainda um pequeno inimigo que combater.» Wallenstein vangloriava-se de *lançar a pau para fóra da Allemanha* este imprudente aggressor. Offerecia todavia trinta mil tha-

lers, que equivalem a duzentos e dezeseis contos, da nossa moeda, a quem lhe poupasse este incommodo, assassinando-o.

Sem se importar d'estas insolentas bravatas, o rei da Suecia reuniu no porto de Elfsnaben trinta vasos de guerra e duzentos navios de transporte com quinze mil soldados escolhidos, commandados por generaes intelligentes e intrepididos. Providenciou tambem com uma admiravel previdencia ácerca da segurança e felicidade do seu povo, durante a sua ausencia. Confiou o governo a um Conselho de cinco senadores, e enviou Oxenstiern, tão bom capitão como habil administrador, que vigiasse na Prussia, com dez mil homens, todos os movimentos da Polonia. Alguns corpos de reserva foram encarregados da guarda do reino e do cuidado de formar os novos recenseamentos militares.

Finalmente, no principio de mais de 1630, a armada e o exercito estavam promptos e esperavam o seu rei. Gustavo, depois de ter posto em ordem os seus negocios particulares, como um bom servo de Deus que dispõe da sua casa antes de morrer, convocou a 20 de maio de 1630, os Estados para lhes dar um solemne adeus e com elle as suas ultimas instrucções. Entrou na salla das sessões, acompanhado de sua filha, que então tinha apenas quatro annos de idade. Tomou-a nos seus braços, e recommendou-a aos deputados reunidos e ao senado, apresentando-ll'a como sua futura soberana, e reclamando para ella o affecto e as sympathias que sempre lhe tinham testemunhado. A assembleia, commovida até ás lagrimas, foi unanime em

prestar o juramento de fidelidade á unica herdeira do seu rei muito amado.

Depois de alguns momentos de silencio para dominar a sua propria emogão, Gustavo Adolpho continuou a fallar: «Sei perfeitamente os perigos que me esperam na guerra que vouprehender longe de vós; tomo, porém, o céu por testemunha de que não é nem por minha satisfação, nem por meu interesse pessoal que eu vou combater. O Imperador tem-me cruelmente offendido na pessoa dos meus embaixadores, protegeu os meus inimigos e perseguiu os meus amigos, os meus irmãos, e estende o seu braço para me arrancar a corôa. Prestes a succumbir sob o peso da escravidão, que os opprime, os protestantes alleinães estendem para nós as suas mãos supplicantes. Se é da vontade de Deus nós lhe daremos auxilio e protecção. Não ignoro os perigos que me esperam; tenho-me, porém, visto em outros peiores, e com o auxilio de Deus sahi d'elles victoriosamente. Mas, póde bem ser que eu finde alli os meus dias; e é por isso que, antes de vos deixar, peço para todos vós a protecção de Deus Todo Poderoso. Supplico-lhe que derrame sobre vós as suas divinas bençãos, afim de que, depois d'esta vida terreste, que é tão curta, nos encontremos todos na eternidade». Voltando-se depois para os senadores, pediu a Deus que lhes concedesse a sabedoria, que tão necessaria lhes era para governar o reino. Exhortou em seguida os pastores a prégarem sempre aos seus rebanhos o puro Evangelho, e a servir-lhes de exemplo e modelo. Em ultimo logar dirigiu-se aos deputados dos

circulos agricolas, desejando-lhes um commercio prospero e abundantes colheitas. «Enfim,» disse elle terminando, «eu faço subir para Deus os votos os mais ardentés para todos os meus subditos, quer presentes quer ausentes. Digo-vos a todos adeus do fundo do meu coração, e talvez adeus para sempre.»

Este discurso foi interrompido pelas lagrimas de toda a assembleia, e o proprio rei tambem chorou.

Todavia, depois de alguns minutos de silencio, pronunciou em voz alta estas palavras de Psalmo LXXXIX, 16, 17, que elle tinha sempre o costume de dizer quando ia dar começo a qualquer empreza. «Põe os olhos nos teus servos e nas tuas obras, e encaminha os filhos d'elles. E seja o resplendor do Senhor nosso Deus sobre nós, e encaminha as obras de nossas mãos sobre nós; sim, encaminha a obra de nossas mãos.»

Embarcou, nove ou dez dias depois, no principio do mez de junho, com o seu pequeno exercito, para Elfsnaben, levando consigo as saudades e os votos da multidão, que correu de todas as partes para lhe dar o adeus da despedida.

---

## GUSTAVO ADOLPHO NA ALLEMANHA

Suas difficuldades—Cerco de Magdebourg—  
Batalha de Leipsig

Acossada por ventos contrarios, a frota suéca viu-se forçada a procurar abrigo n'um porto visinho do ancoradouro, que poucos dias antes tinha deixado. Quando tornou a seguir viagem, o tempo não lhe foi mais favoravel, prolongando-se a travessia por tal forma que lhe chegaram a faltar os viveres. Esta dupla prova, no principio da expedição, era de molde a perturbar um coração menos firme e resolutos que não fosse o de Gustavo Adolpho. Longe porém, de ver em tudo isto um mau presagio, elle se apressou em reclamar as provisões que lhe eram necessarias, e, por effeito de uma violenta tempestade, aportou a Rugen, uma das ilhas da Pomerania. Desde que poz o pé n'esta terra, escravizada pela Austria, ajoelhou, e, n'um piedoso transporte de reconhecimento, na presença do seu exercito em profunda concentração, deu graças a Deus n'estes termos: «O' tu que reinas sobre céu e sobre terra, sobre os ventos e sobre os mares, Senhor! como posso eu agradecer-te condignamente a protecção milagrosa que me dispensaste durante esta perigosa travessia?...

Meu coração está cheio de reconhecimento por todos os teus benefícios. Oh! digna-te abençoar esta empresa, afin de que ella seja não para a minha gloria, mas para a tua. Concede-me a graça de livrar a tua Egreja opprimida, e que eu seja para os teus servos fieis um motivo de consolação. O' Deus, que sonda os corações e os pensamentos os mais intimos, tu conheces a pureza das minhas intenções. Concede-me bom tempo e vento de feição, para que as minhas tropas não desanimem, e eu possa continuar assim a obra sancta que vou começar. *Amen!*»

Era, effectivamente, uma obra sancta esta guerra feita com taes sentimentos e por um tão nobre fim. Não era um ambicioso, avido de conquistas e renome, o general que sanctificava pela oração todos os actos da sua vida, e vivia n'uma communhão constante com Deus. Um tão grande fervor se encontra bem poucas vezes, e sobretudo nos que commandam os exercitos, e que mais confiam nas suas proprias forças que no auxilio do Altissimo. Gustavo Adolpho, porém, confiava na assistencia divina; e é por isto que elle ia sem dinheiro, e apenas com um punhado de homens, combater os exercitos de um grande Imperio

A 24 de junho de 1630, realisou-se o desembarque dos suécos. Um seculo antes, no mesmo dia e mez, em Augsborg, em presenca do imperador Carlos V, dos principes, dos duques e dos bispos de toda a Allemanha, os protestantes tinham feito a celebre confissão de fé, que lhes servia como de bandeira e signal de paz e união. Ora, era exactamente no momento em que



os principios, que então foram proclamados, eram tão fortemente guerreados a ponto de desaparecerem, que Gustavo Adolpho correu em defesa d'elles. Esta circumstancia impressionou profundamente o seu espirito, quando dava graças a Deus pelo ter livrado dos perigos do mar. As lembranças de um tal anniversario deviam, ao recordar as glorias do passado, inflamar o seu zelo e dar-lhe uma grande confiança no futuro. A fé dos fundadores da Reforma, a unção divina do author da confissão de Augsbourg (\*) enchiam de uma alegria celeste o coração do heroe suéco e davam tal fervor ás suas orações que seus soldados commoviam-se sempre até ás lagrimas. «Não choreis,» lhes dizia elle, «mas orae sem cessar. Quanto mais orações fizerdes, tantas mais victorias alcançaremos.»

Depois de ter pedido a benção de Deus sobre elle e sobre os seus, Gustavo Adolpho pegou no alvião, e todo o seu exercito, seguindo o seu exemplo, correu a trabalhar nas trincheiras para fortificar o campo contra os inimigos que, em grande numero, estacionavam nos logares visinhos. Desde que estes trabalhos foram concluidos, o rei dirigiu a seguinte proclamação aos seus soldados: «Não julgueis que eu emprehendo esta guerra por mim ou pelo meu reino. Nós viemos aqui em soccorro dos nossos correligionarios opprimidos. Vós sabereis por brilhantes victorias cumprir este generoso dever e conquistar assim uma gloria immortal. Não

---

(\*) Sabe-se que foi o bom e piedoso Mélanchthon quem redigiu a confissão de Augsbourg.

temaes os inimigos que temos a combater; são os mesmos que vós vencestes na Prussia. A vossa bravura acaba de forçar a Polonia a concluir uma tregua de seis annos. Se quereis mostrar ainda a mesma coragem e a mesma perseverança, trabalhareis para que a Egreja evangelica e os nossos irmãos da Allemanha tenham a segurança e a paz que lhes faltam.» Esta allocução foi seguida de uma proclamação de leis e regulamentos militares. Segundo estes regulamentos, todo o attentado contra as pessoas ou propriedades era punido com a morte. Depois, sem perder um instante, Gustavo Adolpho submette a praia onde desembarcou, e, depois de se ter apoderado da ilha de Rugen, expulsa as tropas imperiaes das ilhas visinhas Medon e Wolni, tornando-se senhor d'ella, o assegura assim communições faceis com a Suecia. Dirige-se em seguida, com a rapidez do raio, sobre Stettin, capital da Pomérania, e prepara-se para triumphar pela força das hesitações do velho Duque de Bogisla, que não ou-sava escolher entre a alliança da Suecia e o despotismo da Austria. Acampado junto aos muros da cidade, que elle havia intimado a render-se, recebeu, quando ainda esperava pela resposta de Bogisla, a visita de um certo numero de burguezes, devotados á causa protestante e desejosos de ver aquelle que assim se offerecia para seu defensor. O rei acolheu-os com a maior bondade. Fallou com elles amigavelmente ácerca das suas crenças communs, das desgraças dos seus irmãos da Allemanha e dos planos que elle tinha formado para os libertar. Suas maneiras delicadas impressionaram-

os profundamente. Sua eloquencia levou-lhe a convicção ao animo. Os encantos mesmo da sua pessoa contribuíram para a sympathia e o enthusiasmo que despertou. Seu rosto era pallido e comprido, mas regular e expressivo. Tinha os cabellos loiros, a barba comprida, o olhar penetrante. Como seu avô, Gustavo Wasa, era de alta estatura, agil, boa figura, e distincto no seu todo. Gostava da musica, tão querida dos Allemães, e tocava muito bem alaude. O brilho das suas victorias, unido a tantas qualidades pessoas, o tornaram bem depressa popular e amado de todos.

As portas de Stettin abriram-se-lhe, e Bogisla pediu a protecção da Suecia. Para não ser pesado aos habitantes d'aquella cidade, Gustavo Adolpho mandou acampar a tropa nas tendas. No domingo seguinte assistiu a tres serviços divinos.

O exercito suéco deixou em seguida Stettin para conquistar o resto da Pomérania. O general Torquato Conti, que commandava as tropas imperiaes n'este ducado, tentou mas em vão embargar-lhe a passagem.

Um dia, porém, entregou-lhe o seu invencivel adversario. Gustavo Adolpho visitava com una força de setenta homens a cavallo as proximidades do campo austriaco, com o fim de reconhecer a posição topographica e dar-lhe batalha. Immediatamente é surpreendido e apanhado por quinhentos couraceiros inimigos. Em vão os seus dragões suécos fazem prodigios de valor, são vencidos pelo numero. O rei tem o seu cavallo morto debaixo d'elle. Vê cahir a seu lado os seus fieis soldados. Está cercado de todas as partes, e vae

ser feito prisioneiro, quando duzentos Finnêzes que não longe d'alli aguardavam a volta dos seus companheiros, advertidos pela fusillaria, se precipitam como um raio sobre os inimigos, obrigam-os a fugir, e mais uma vez o seu principe é salvo. Um italiano, chamado Qinti do Ponto, que tinha deixado o exercito do Imperador para passar para o campo suéco, foi accusado de ter preparado esta embuscada ao rei, prevenindo os austriacos da sahida da sua tenda e do pequeno numero da escolta que o acompanhava. No dia seguinte, esse miseravel, que tinha subido, por seu animo e valor, obter de Gustavo Adolpho a banda de official, desapareceu, e não se ouviu fallar mais d'elle. Prenderam um outro transfuga italiano, com o qual elle estava nas melhores relações. Este o denunciou e confessou mesmo a sua cumplicidade. Quando o interrogaram, antes de ser condemnado, disse aos juizes: «Muitas vezes pensei matar o rei; mas o meu coração tremia sempre, todas as vezes que eu pegava na arma assassina; uma força estranha me paralytava os movimentos do braço.» Que homem aquelle que inspirava o respeito e a affeição aos seus mais crueis inimigos!

Todas estas tentativas abominaveis contra a vida de Gustavo Adolpho eram dirigidas pelos jesuitas, que encontravam bons todos os meios para se desfazerem do mais terrivel obstaculo que elles jámais encontraram no seu caminho. E' esta pelo menos a opinião de Gfrœrer, o mais sabio e um dos mais estimados entre os biographos do grande rei da Suecia.

Gustavo Adolpho nunca fez caso d'estas misera-

veis conspirações. A desconfiança não tinha entrado n'esta alma leal, e muito tempo depois elle dizia como David: «Eu confio em Deus, e nada temo; que posso eu temer do homem?...» Coisa alguma d'este mundo podia enfraquecer o seu animo e perturbar a serenidade do seu espirito. Continuou firme e resolute na missão que se havia proposto. A maior parte da mocidade pomeraniana vinha alistar-se nas suas fileiras triumphantes, e os representantes dos Estados, felizes por verem o paiz livre da insaciavel avareza de Torquato-Conti e dos excessos commetidos pelas tropas imperiaes, lhe votaram por unanimidade uma contribuição voluntaria. A prudencia e a humanidade dos suécos lhes ganhavam as sympathias e os corações das povoações, que os recebiam por toda a parte com alegria. Gustavo Adolpho bem depressa forçou os Imperiaes a evacuar o ducado, e o governou como soberano até ao fim do anno de 1630, alguns mezes depois da sua partida da Suecia. Apesar do seu desejo de penetrar em Mecklembourg, viu-se obrigado a pôr-lhe cerco e esperar pelo fim do inverno.

O Imperador, depois de ter zombado com os seus cortezãos, de Gustavo Adolpho, a quem chamava o *rei da neve*, destinada a derreter á proporção que se approximava do meio dia, começava a notar que os suécos supportavam perfeitamente todas as estações, e que era necessario tomal-os a sério. Reuniu um exercito que confiou a um companheiro de armas de Wallenstein, o general Pappenheim, cuja experiencia era igual á sua intrepidez. Por outro lado, a Liga catholica, sobresaltada

com os rapidos successos do campeão o mais terrivel do protestantismo, tinha levantado os arraiaes e collocado á sua frente o logar-tenente de Maximiliano da Baviera, o vencedor do Mansfeld e dos Dinamarquzes, o general Tilly, que jámais perdera uma batalha. Depois da derrota de Wallenstein, não faltavam na Allemanha soldados mercenarios, que serviam indistinctamente todos os partidos, segundo as vantagens que se lhes offereciam. Se Gustavo Adolpho fosse rico, teria sido facil comprar a maior parte d'elles e engrossar assim as suas tropas, pouco numerosas para combater dois exercitos ao mesmo tempo. Foi obrigado a conservar-se em Pomérania e procurar, antes de avançar mais para diante, novos soccorros de gente e de dinheiro. Uma carta, que elle dirige ao seu fiel amigo, o chanceller Oxenstiern, em dezembro de 1630, deixa ver claramente a sua penivel situação e a sua inalteravel confiança em Deus: «Que Deus,» diz elle, «em cujas mãos ponho tudo, nos ajude a passar o inverno. O estio se passará melhor, graças aos vossos cuidados e á vossa previdencia. Eu vos descreveria melhor a nossa situação, se não estivesse com a mão ainda tropega por effeito de um golpe de espada que m'a apanhou. Basta-vos, porém, saber, que o inimigo tem grandes vantagens para estabelecer os seus quartéis de inverno, pois que a Allemanha inteira veiu a tornar-se presa sua. Se eu tivesse mais gente commigo nas margens do Oder, avançaria para a frente. Nada, porém, corre, segundo os nossos desejos, e não ha remedio senão acatar os decretos do Altissimo. Recommendo-vos que

dispenseis a minha familia todos os vossos cuidados. A todos os respeitos, ella é digna d'isso. A mãe tem necessidade de conselhos, a filha está exposta a muitos desgostos se ella sabe governar, e a muitos perigos se outros querem governar por ella. Uma e outra, o seu futuro e a minha vida, tudo o que possuo n'este mundo, entrego-os á sancta protecção de Deus que tudo me tem concedido. Estou intimamente convencido que tudo o que me acontecer n'este mundo será sempre para meu bem, e depois d'esta vida, espero ir gozar a paz e a alegria eterna.»

Suspendendo o curso das suas victorias, Gustavo Adolpho não se entregou á ociosidade. Acabou a conquista da Pomérania, aonde duas ou tres fortalezas tinham recusado render-se, e avançou para Brandebourg, que era a chave de Mecklembourg. Bateu, por toda a parte onde as encontrou, as tropas imperiaes, e tão bem se conservou nas suas posições que Tilly, vindo para o atacar, recuou e se retirou em boa ordem para as margens do Elba sem ousar defender Francfórt sobre o Oder, que os suécos tomaram de assalto, no meio do inverno, depois de um cerco de tres dias.

Pelo mesmo tempo, Gustavo Adolpho, incerto do concurso dos principes protestantes da Allemanha, que temiam a influencia sobre os seus subditos e viam n'elle antes um rival que um amigo, se decidiu a aceitar a alliança da França. O tractado foi concluido a 16 de janeiro em Berwald, Brandebourg. Gustavo Adolpho se comprometteu a reintegrar nos seus Estados todos os soberanos desapossados pelo Imperador, e

a restabelecer o imperio germanico no mesmo pé que em antes da revolta da Bohemia bem como o *edicto da restituição*. A França, esperando assim pôr limites á ambição sempre crescente da Austria e tirar-lhe a preponderancia na Europa, dava um subsidio annual e, o que valia muito mais, o appoio moral do seu nome. Entretanto Tilly, envergonhado de ter deixado as margens do Oder sem combater o inimigo, foi sitiár Magdebourg, que tinha feito causa commun com a Suecia. Gustavo Adolpho não se tinha distanciado d'esta cidade; elle ardia em desejos de a salvar, porém, o seu proprio sobrinho, o eleitor de Brandebourg e o de Saxe, dominados por considerações egoistas e invejosas, foram surdos a todas as representações que lhes foram feitas em nome das liberdades da Allemanha, da religião e da humanidade, recusando dar-lhe passagem pelos seus Estados. Com dois principes protestantes, dos quaes um, João—Jorge, eleitor de Saxe, tinha provocado a formação de uma nova liga para pedir a revogação do *edicto da restituição*, o rei da Suecia hesitava em empregar a força, e, emquanto que elle entabulava as negociações n'este sentido, Magdebourg, depois de uma heroica resistencia, rendia-se ás tropas de Tilly, reforçadas por grande numero de soldados de Pappenheim, e auxiliados por traidores. Esta cidade, a mais rica da Allemanha, foi entregue á pilhagem e inundada de sangue dos seus habitantes. As scenas de carnificina e crueldade, de que foi theatro, adquiriram na historia uma triste celebridade. «As mulheres, diz Schiller, foram deshonradas nos braços de seus espo-



sos, as filhas soffreram a mesma sorte junto de seus paes moribundos... Cincoenta e tres jovens donzellas foram decapitadas n'uma egreja, aonde se haviam refugiado; os Croatas lançam ao meio das chammas, rindo satanicamente, creanças que em vão lhe estendem as mãos supplicantes, os Wallans arrancam dos braços das mães os seus filhinhos para os atravessar ao fio da espada! Vinte mulheres se lançam no Elba para escapar á brutalidade dos soldados !»

Uma testemunha ocular refere que muitos officiaes, indignados com tantas atrocidades, dirigiram-se a Tilly para pedir-lhe que lhes pozesse termo. Este general respondeu-lhe: «Dei tres dias para roubar e matar. E' preciso que o soldado se divirta depois de tantas fadigas». Para coroar todos estes horrores, os vencedores lançam fogo a todas as casas, e, diz um historiador já citado, «doze horas apenas se tinham passado, e d'esta cidade tão vasta e opulenta não restava mais que duas egrejas, algumas casas pequenas e um montão de cinzas... Mais de 6:000 cadaveres foram lançados ao Elba; um numero muito maior tinha sido devorado pelas chammas, pois que as victimas immoladas durante o saque subiram a mais de 30:000.»

Esta terrivel e medonha catastrophe encheu de horror todos os protestantes da Allemanha. Os jesuitas, habeis sempre em aproveitar as circumstancias, souberam explorar este sentimento contra Gustavo Adolpho, que elles accusaram de ter abandonado Magdebourg e sacrificado a certas rasões de campanha uma cidade tão importante e dedicada á causa pela qual elle

combatia. Esperavam, por estes rumores perfidos, tirar ao rei da Suecia a confiança e a estima dos seus correligionarios da Allemanha. Gustavo Adolpho não teve a menor difficuldade para provar a falsidade das accusações. Os factos, que temos referido, justificam-o perfeitamente. Se Magdebourg foi destruida, as prevenções e as desconfianças injustas dos eleitores de Brandebourg e Saxe foram a causa principal.

A innocencia de Gustavo Adolpho transluz claramente da carta que elle dirigiu ao eleitor de Saxe, no momento em que Magdebourg era ameaçada de ser assaltada... «Eu me vejo forçado,» escrevia elle, «a retirar-me em bôa ordem com as minhas tropas, e não proseguir mais adiante. Seria contrario a todas as regras na arte militar collocar-me entre duas potencias indecisas, ou abandonar os rios, por onde me veem todas as provisões. Todavia eu desejo testemunhar a Magdebourg toda a minha sollicitude por ella; e, muito embora com sacrificio de mim mesmo, quero fazer tudo o que posso para a libertar. Que Deus me auxilie com sua graça, e faça triumphar a minha perseverança! Diante de Deus e dos homens declaro-me innocente de tudo o que possa acontecer. Torno responsaveis aquelles que n'uma questão como esta, em que pugnamos pela causa de Christo, não sentiram escrupulo algum em me abandonar.»

O terror, que a principio causou a ruina de Magdebourg não tardou a transformar-se n'uma legitima indignação. Exasperados pelos rigores e pelas crueldades cada vez mais vehementes e repetidos do Impera-

dor, cuja mão cada vez mais pezava tyranica e despotica sobre o povo, os principes protestantes não viram outro meio de escapar á sua infeliz sorte que lançarem-se nos braços de Gustavo Adolpho. A maior parte fizeram alliança com elle; mas o eleitor de Brandebourg obstinava-se n'uma neutralidade muito favoravel aos interesses da Austria para poder sustentar-se por muito tempo ainda. O rei da Suecia, depois de ter esgotado todos os meios de conciliação, foi acampar com o seu exercito defronte de Berlim, declarando que o eleitor não era para elle mais que um inimigo. A' vista da artilheria sueca, Jorge-Guilherme consentiu em tractar com seu sobrinho. Admittiu, sem a menor alteração, todas as condições que lhe foram impostas. Gustavo Adolpho ficou livre, pela sua parte, de dispor de todas as fortalezas, e recebeu além d'isso uma contribuição em dinheiro.

Durante este tempo, as tropas que tinham saqueado Magdebourg tinham invadido o paiz de Hesse-Cassel, e renovavam todas as suas crueldades. A Thuringuia era tambem assolada pelas tropas imperiaes, que a sêde do ouro e dos prazeres parecia devorar cada vez mais. Nada podia saciar tanta cobiça, tantas e taes brutaes paixões. As populações dos paizes, que eram visitadas por taes soldados, estavam immersas na maior e mais profunda consternação. Gustavo Adolpho, seguro do auxilio de Brandebourg, que lhe preparava a retirada no caso de derrota, não hesita mais em avançar para a frente. Livra o territorio de Hesse, e encontra no principe que o governa, o melhor e o mais

fiel dos seus alliados. Sem arriscar uma batalha decisiva com um inimigo superior em numero, elle fica senhor do paiz e restabelece os duques de Meclenbourg nos seus ducados reconquistados.

Tilly, depois de ter gasto o tempo e as forças das suas tropas diante do campo sueco, bate em retirada e dirige-se para os Estados do eleitor de Saxe, cujos preparativos a Austria temia sobre maneira e desaprovava os recrutamentos das tropas. Saxe era para os Imperiaes uma mina. Até aqui ella tinha sido poupada em consequencia da affeição que o seu principe tinha á causa da Austria, e da necessidade que Fernando tinha de o conservar no numero dos seus partidarios. Tilly e as suas tropas cahem sobre os Saxonios como um bando de aves de rapina. O eleitor, possuido de um grande susto, vae procurar refugio sob a protecção de Gustavo Adolpho. Pede-lhe que venha em seu auxilio. «Eu lamento,» responde elle, «a sorte do eleitor, mas ninguem é culpado senão elle. Se mais cedo tivesse tido a mesma confiança que agora tem em mim, tal coisa não aconteceria, e Magdebourg não cahiria em poder dos inimigos. Não estou resolvido a sacrificar os outros Estados allemães para ir soccorrel-o. Não quero nada com um principe cujos conselheiros estão vendidos ao Imperador, e que me abandonará desde o momento em que a Austria o engane por meio de falsas promessas, ou que o exercito imperial deixe os seus Estados.»

D'Arnheim, marechal do eleitor, homem habil e astuto, tinha sido encarregado d'esta negociação importan-

te. Tinha ordem de a concluir por todo o preço. E' porque, apesar da resposta severa e desanimadora que acabava de ouvir, elle redobrou as suas instancias e obteve o concurso que podia, mas sob as mais duras condigões. O eleitor devia entregar a fortaleza de Wittemberg, que o tornava senhor do Elba ; adiantaria tres mezes de soldo ás tropas suecas e entregaria ao rei os seus conselheiros, vendidos todos á Austria, e tambem o seu filho mais velho como refens. O eleitor concedeu tudo. Então, Gustavo Adolpho, que queria tão sómente experimentar a sinceridade de João-Jorge e a firmeza das suas resoluções, mudou de repente de linguagem : « Respondei a vosso amo e senhor, « disse elle a d'Arnheim, » que a sua desconfiança para commigo, quando eu queria soccorrer Magdebourg, tinha-me levado a desconfiar tambem ; a confiança, porém, que elle hoje me testemunha, faz-me esquecer o passado. Eu não lhe peço mais que um mez de soldo para as minhas tropas, e eu prometto-lhe bem depressa de o indemnizar d'este sacrificio.

Os dois principes assignaram em seguida un tractado de álliança e reuniram os seus dois exercitos. Na manhã de 16 de setembro de 1631, elles se encontraram em frente do exercito imperial acampado perto de Leipzig. E' alli que os dois capitães, os mais illustres da Europa, Gustavo Adolpho e Tilly, iam medir as forças n'uma batalha que decidiria, não sómente da superioridade de um sobre o outro, mas tambem do futuro do protestantismo e do catholicismo. Ao successo d'este dia estava ligado, bem mais que uma grande reputação militar, estava ligada a existencia da Reforma na Allema-

na. Gustavo Adolpho sabia-o perfeitamente, e elle desenvolveu, na disposição das tropas, todos os recursos do seu admiravel talento militar.

«Do vosso lado,» diz elle ao seu exercito, «está a boa razão, o direito e a justiça da causa que defendemos. Nós não combatemos pelos bens d'este mundo, mas pela palavra e gloria de Deus, pela verdadeira religião, que é a unica que nos póde salvar e que os catholicos têm cruelmente opprimido e que querem anniquilar. Não duvidemos de que o Omnipotente, que nos conduziu até aqui atravez de perigos de toda a natureza, não nos conceda agora o seu soccorro efficaz....»

Depois d'esta allocução, passou revista ás tropas, dirigindo aos soldados palavras de coragem e affecto.

Schiller fez d'esta batalha como da tomada de Magdebourg a narrativa seguinte: «Dois milhões de homens, «diz elle,» teriam tornado este dia mais sanguinolento, mas não mais decisivo... A coragem e a firmeza que até alli não tinham jámais faltado ao conde de Tilly, abandonaram-o completamente n'estedia. Sem se decidir a combater o rei, não teve animo bastante para evitar a batalha, e Pappenheim o levou a isso bem contra os seus desejos... Jámais tão negros presentimentos tinham assaltado a sua frente ordinariamente tranquilla; o genio de Magdebourg parecia perseguil-o ainda nos campos de Leipzig.

As peças da artilheria, que vomitaram fogo por duas horas, deram principio á batalha. O vento do oeste soprava violentamente e levava para o campo sueco o fumo da polvora e as nuvens do pó que se elevavam dos campos inimigos. Immediatamente Gustavo deu or-

dem para que as tropas marchassem para o norte, e esta manobra foi executada com tanta rapidez, que o inimigo não teve tempo de a impedir.

Tilly abandonou por fim as suas posições, e abalançou-se a atacar os suécos; mas recebido por um fogo violento, elle se dirige immediatamente para a direita, e cahe sobre os Saxonios, que põe em fugida... Por seu lado Pappenheim, ataca, com a sua cavallaria, o flanco direito dos suécos, mas sem resultado; Gustavo Adolpho era quem o commandava. Sete vezes Pappenheim volta á carga, e outras tantas é repellido. Resolve-se por fim a fugir, e abandona o campo da batalha ao vencedor. Entretanto Tilly depois de ter desbaratado completamente os Saxonios, lançou-se com todas as forças disponiveis sobre a ala esquerda dos suécos. Mas Gustavo Adolpho deuse pressa em mandar para alli tres regimentos para a reforçar, e cobrir assim o flanco, posto a descoberto pela fuga dos Saxonios... Já o inimigo começava a querer recuar, quando o rei lhe apparece para decidir a victoria. Apenas posta em fuga a ala esquerda, dirigiu immediatamente as suas tropas e as do general Teufel para os pontos onde Tilly tinha mandado assestar a sua artilheria; depois de uma pequena lucta se apoderou d'elles, e o inimigo foi batido com o fogo das suas proprias armas.

«Batido pela artilheria de lado, exposto pela frente ás impetuosas descargas dos suécos, o exercito imperial, denominado o *invencivel*, acaba por ser desbaratado. Tilly viu-se forçado então a ordenar a retirada, a qual não podia realisar-se senão por entre as fileiras vencedoras. Inmediatamente uma grande desordem se apo-

derou do exercito imperial, que debandou por onde quiz. Quatro regimentos unicos, compostos de velhos soldados que nunca tinham voltado as costas ao inimigo, se conservam em ordem e oppõem um muro de bronze aos ataques que os suécos redobram... Persuadidos por fim da inutilidade de una mais longa resistencia, reduzidos apenas a seiscentos homens, aproveitaram-se da escuridade da noite para se retirarem do campo da batalha, que desde este momento ninguem disputava aos suécos, sendo completa a sua victoria».

Gustavo Adolpho põe-se de joelhos no meio dos mortos e dos feridos, e cercado dos seus, em alta voz exprime o seu reconhecimento para com Deus, n'uma fervorosa oração, pela victoria memoravel que acaba de obter. Depois monta o cavallo, e percorrendo as fileiras das suas tropas, dirige-lhe palavras de agradecimento.

N'esse mesmo dia deu parte do succedido ao seu chanceller e ao seu reino, por meio d'estas simples palavras: «Ainda que tenhamos a deplorar a perda de um grande numero de bravos, devemos antes de tudo e acima de tudo agradecer a Deus a sua divina protecção; pois que nós jámais corremos um tão grande perigo.»

Este optimismo imperturbavel faz-nos vêr sempre o christão no heroe. E' este o segredo d'essa alegria continua que tanto admira um celebre historiador (\*), e que S. Paulo recommenda a todo o remido de Jesus, como um dos mais doces privilegios da fé e o mais puro reflexo da caridade.

---

(\*) Vede Michelet, *Historia da França do seculo dezeseete*, pag. 86.



## CONTINUAÇÃO DOS SUCESSOS DE GUSTAVO ADOLPHO

Sua residencia em Francfort—Sua entrada em  
Nuremberg—Combate de Lech

As consequencias da victoria de Leipzig eram incalculaveis. Gustavo Adolpho recolhia n'este dia os fructos de mais de um anno de fadigas, de combates sem importancia e de privações de toda a especie. As forças reunidas da liga catholica e do imperador estavam aniquiladas. D'um exercito formidavel não restava mais que dois mil combatentes, e Tilly desacreditado por uma derrota irreparavel. «Gustavo,» diz Michelet, «podia fazer o que quizesse, ir para onde bem lhe apetecesse.» A torrente sueca tinha levado consigo todos os diques que a Austria lhe oppunha, e nada, absolutamente nada, agora podia detel-a.

Mas o rei da Suecia mostrou-se, pelo seu character, maior ainda que a sua victoria. O seu primeiro pensamento, depois de ter dado graças a Deus, foi um pensamento de reparação e de justiça. Escreveu de Halle, onde tinha perseguido e dispersado os ultimos restos do exercito inimigo, uma carta, com data de 17 de setembro, na qual dizia ao seu chanceller que viesse conferenciar com elle afim de regularem as restituções, que era seu desejo fazer, aos seus correligionarios despojados. Continuou a manter a disciplina no seu exercito, e seus

soldados não perderam os seus antigos habitos de ordem e piedade. Todas as manhãs, elles cantavam, depois de orarem, um cantico de que o rei muito gostava, e que exprime de uma maneira simples e fiel o estado d'uma alma christã diante de Deus. Eis aqui alguns versos, segundo Wild:

«Eterno, esta manhã como durante toda a minha vida, quero cantar os teus louvores e fazer subir o meu reconhecimento até ao teu throno.

«E's tú, ó Senhor, que durante a noite passada, me guardaste por tua graça e preservaste de todo o damno e de todo o perigo. Eu te peço humildemente que me perdões todos os peccados, que teem merecido a tua ira.»

A confiança a mais completa na vontade de Deus transpira nas ultimas estrophes :

«E' a Deus que eu quero deixar o cuidado de tudo dirigir, porque é elle o unico que tudo póde fazer. Elle abençõa as minhas acções, as minhas esperanças e os meus successos. E' a elle que eu entrego o meu corpo, a minha alma, a minha vida e tudo o que me tem dado. Elle obrará segundo a sua vontade.

«E agora eu digo *amen*, na certeza de que Deus fará tudo pelo melhor. O meu braço está prompto, e prompto me sinto para continuar a obra que elle me confiou, na posição em que me collocou.»

Que tocante espectaculo o de um campo de guerra em que o general e os soldados teem um tal toque de alvorada!

Em Halle, Gustavo dividiu o seu exercito. Encar-

regou o eleitor de Saxe, seu alliado, de penetrar na Bohemia, que estava impaciente por sacudir o jugo imperial. Por seu lado, dispoz-se a conquistar toda a Allemanha occidental, para tirar á Austria as ricas provincias, d'onde ella tirava os seus maiores recursos, e suffocar a liga catholica em sua propria casa.

Os mesmos catholicos, victimas como os protestantes, da cobiça e dos maus tractos dos Imperiaes, receberam Gustavo Adolpho como um libertador. A sua viagem de Halle pela Thuringuia, e pela Francoenia até ao Rheno, foi verdadeiramente triumphal. Em Thuringuia, ganhou um novo alliado, o duque de Saxe-Weimar, que bem depressa se tornou um dos seus mais habeis generaes. Tomou as medidas as mais severas para prevenir todo o abuso do poder por parte dos officiaes, e todos os excessos por parte dos soldados. Queria-se mostrar tanto mais moderado e equitativo quanto aquelles paizes rejeitavam as suas crenças e sempre tinham combatido a sua causa.

A conducta irreprehensivel do seu exercito inspirava admiração e confiança. Um historiador refere que um suéco, esquecendo o exemplo dos seus camaradas e as ordens do seu chefe, tinha roubado as vacas de um camponez, quando sente uma pancada no hombro, dada por mão valente; volta-se e reconhece o rei, que lhe diz com um tom firme, em que transparecem todavia uns certos sentimentos fraternaes: «Meu filho, meu filho, terás de ser julgado.» Ora a pena, por uma tal falta, era a pena de morte.

Ao approximarem-se as tropas suécas, o bispo de

Wurtzbourg, um dos mais tenazes inimigos do protestantismo e um dos membros mais activos da liga catholica, fugiu e entregou os seus subditos sem defeza e sem chefe aos caprichos de um inimigo poderoso e offendido. A capital do arcebispado, Wurtzbourg, não procurou resistir, e submetteu-se.

As outras cidades d'este Estado seguiram o seu exemplo. Gustavo considerou como seu um paiz que o seu soberano tinha abandonado. Convidou as authoridades a prestar-lhe o juramento de fidelidade, e organisou tudo na melhor ordem. Nomeou um governo composto de um numero egual de cidadãos das duas religiões. Entregou os seus bens aos protestantes e lhes mandou abrir os templos, mas deixou aos catholicos o livre exercicio do seu culto, e, como se exprime um historiador, «não se vingou por nenhuma represalia da longa e cruel oppressão que os seus correligionarios tinham soffrido.»

Por toda a parte practicou a mesma tolerancia. Teve tambem a imperecivel honra de ser o principe que primeiro comprehendeu o grande principio da liberdade de cultos, e, no meio de una guerra ateada pelo fanatismo religioso, proclamou na Europa os direitos sagrados da consciencia. Tambem, segundo o proprio testemunho de um escriptor catholico, a rectidão e a doçura do caracter de Gustavo Adolpho tinham o condão de derreter os odios os mais inveterados, e elle era para a maior parte dos catholicos se não um salvador como para os protestantes, pelo menos, um senhor justo e bom que respeitava os seus direitos e conservava as suas liber-

dades. No momento em que foi tomada uma cidade catholica, o que os officiaes das suas tropas tractavam com severidade os seus habitantes, pela razão de terem perseguido horriavelmente os protestantes, o rei lhes respondeu: «Eu vim para despedaçar as algemas da escravidão, e não para forjar novas algemas. Deixae-os viver como teem sempre vivido.»

Cercado do affecto e sympathias das povoações protestantes e respeitado mesmo pelos paizes catholicos, Gustavo Adolpho estava seguro de levar a cabo a sua generosa empresa e ver coroado do melhor resultado os seus esforços. Mas, na falta da Allemanha, o obstaculo veio-lhe de fóra. Richelieu, que tinha querido diminuir a influencia e o poder da Austria, tremeu ao ver os triumphos do rei da Suecia. A' preponderancia da Austria succedia a preponderancia do partido protestante. Sobre as ruinas do velho imperio ia elevar-se talvez um imperio novo cujo chefe seria o maior capitão da época. Era preciso conjurar este perigo, que ameaçava a Europa com uma revolução. Richelieu, de alliado que era, tornou-se quasi um inimigo para Gustavo Adolpho. Declara-se o protector dos principes catholicos da Allemanha, e reclamou para elles a neutralidade, offerecendo-lhes tambem os meios de se armarem a favor da Austria, manifestando, porém, apparentemente não tomar partido por ninguem. Despertava tambem, por suas desconfianças e intrigas, a inveja dos principes protestantes, e fazia-lhes temer um senhor n'aquelle que se dizia seu amigo. O eleitor de Saxo em breve devia escutar todas estas prevenções e partilhar todos estes

receios. O heróe do Norte ia mais uma vez encontrar-se só, como na sua chegada á Allemanha.

Entretanto, elle proseguio na marcha e conquistou a Franconia, n'um abrir e fechar de olhos. Chegado deante de Francfort encontra uma resistencia imprevista. Esta cidade opulenta e populosa tinha sido sempre affeioada á causa imperial, em recompensa dos privilegios commerciaes que ella gosava. Seus mercados tinham uma grande celebridade, e ella temia perdel-os se abrisse as suas portas aos suecos. Intimada a render-se, enviou uma deputação ao rei para lhe explicar as difficuldades da sua situação e as razões meramente materiaes que a impediam de ser favoravel ao rei.

Gustavo Adolpho ficou indignado. «Admiro realmente», diz elle, «o que acabo de ouvir que Francfort tem em muito mais conta as suas riquezas, que os deveres que lhe impõe a religião e a patria; e bem pouco honroso é para ella o fallar dos seus mercados e do seu commercio, quando se tracta da liberdade da Allemanha e do futuro da Reforma. Demais, desde a ilha de Rugen até ás margens do Rheno, encontrei as chaves de todas as fortalezas, e asseguro-vos que encontrarei tambem as que me hão de abrir as portas de Francfort. E' pela felicidade da Allemanha e pela independencia da religião protestante que eu combato: nada me demoverá do meu proposito, porque me animam a justiça e a nobreza da minha causa. Eu conheço-o perfeitamente: os habitantes de Francfort entendem que lhes é bastante estender-me um dedo apenas, porém ficai sabendo que o que eu

quero é que me estendam a mão, mas a mão toda ; com esta condição, é que eu os protegerei.»

Estas francas e energicas palavras não soffriam nem replica nem demora. Os magistrados abriram as suas portas, e Gustavo entrou em Francfort com a pompa de um imperador que, segundo o antigo uso, quizesse alli fazer-se coroar. «Durante a sua curta estada alli, diz Schiller, não cessava de receber a visita dos principes e embaixadores, que vinham prestar homenagem á sua gloria, apasiguar a irritação do seu animo ou implorar o seu valimento.» Estas homenagens desagradaram á rainha Maria Eleonor e ao chanceller Oxenstiern, que tinham vindo juntar-se com elle, esta, sua esposa muito amada (\*) e aquelle, seu conselheiro e seu amigo. Dobaixo de todas as apparencias de abnegação e por entre todos os protestos de amisade, a primeira, guiada por seu instincto e ternura mulheris, o segundo, esclarecido pela experiencia dos negocios e sua grande prudencia, tinham divisado a desconfiança e a inveja que Gustavo Adolpho inspirava áquelles principes, e a desunião que reinava entre elles.

O proprio rei não se enganava com respeito aos sentimentos dos seus alliados, e affligia-se com isto profundamente. Custava-lhe sobremaneira ver a grande causa, que elle defendia, compromettida a cada instante pelas rivalidades mais mesquinhas e pelos mais vis interesses. Um dia, deante dos principes, disse elle com profun-

---

(\*) «Na ausencia do rei, ella sentia um grande desejo de o tornar a vêr, e por esse motivo esteve doente por algumas vezes» (*Historia de Gustavo Adolpho* por Fryxell, já citada.)

da magua : «Estou resolvido a fazer a paz, se forem dignas e honrosas as condições, que assegurem o bem estar dos principes protestantes e dos seus subditos opprimidos, pois que foi por esse fim que eu emprehendi a guerra e derramei o meu sangue. Mas sabei que eu jámais concluirei una paz como a precedente (queria fallar do tractado de Lubæk,) que sacrificou a honra dos principes protestantes, pôz os seus desgraçados subditos sob um jugo de ferro e gravemente comprometteu a nossa religião.»

O landgrave Jorge de Hesse-Darmstadt era um dos hospedes que Gustavo Adolpho tinha em Francfort. Sua ambição era congraçar os dois partidos. Entretinha relações secretas com o imperador, parecendo muito afeiçoado ao rei da Suecia. «Se o imperador, diz um dia Gustavo Adolpho em presença d'este principe, não se importa de mim, eu tambem não me importarei d'elle. Vós podereis dizer-lhe isto mesmo, porque eu sei que vós sois um bom subdito do imperador.» O landgrave, attonito com esta resposta com que não contava, balbuciou algumas palavras de justificação. «Quando um homem—acrescentou o rei—vos dá trinta mil thalers por anno, póde bem ser-se amigo d'elle. Se eu fizesse um egual presente a alguém, era preciso que elle o houvesse realmente merecido.»

Mas não sómente Gustavo Adolpho tinha a tractar com traidores ; esteve tambem exposto, como na Pomerania, aos punhaes dos assassinos. Encontrou-se, uma noite, no seu quarto, um individuo armado. Agarraram-o, e veio a saber-se que era um padre catholico de Anvers. Na mesma epocha um jesuita, durante dois domingos em



seguida, pediu aos seus ouvintes que orassem a Deus pelo bom exito de um projecto que só elle e uma unica pessoa conheciam, e que tinha por fim assegurar o repouso e o triumpho da Egreja romana.

N'estas circumstancias, julgaram prudente aconselhar o rei que cuidasse mais sériamente da sua propria segurança pessoal, visto as tentativas feitas para lhe tirarem a vida. «Um rei, respondeu elle, não póde viver encerrado no seu quarto. Os maus teem mais vontade do que força, e a confiança em Deus é a melhor guarda que posso ter. Eu não considero este perigo, de natureza a assustar-me. Além d'isso, a minha morte não vos teria causado a catastrophe que imaginaes, se aquelle homem tivesse levado a cabo o seu projecto. Se me matam, o Senhor suscitará un outro instrumento mais digno e mais poderoso. Sua obra não depende da vida de um homem.» Seus amigos teimavam com elle para que tomasse algumas precauções. «Quereis vós, replicou elle com vivacidade, ensinar-me a desconfiar da Providencia?»

Instado por Richelieu, Gustavo Adolpho consentiu em fazer a paz com a Baviera. Prometteu não tocar no seu territorio, uma vez que ella restituisse aos protestantes todos os bens que lhes tinham sido tirados, e que ella admittisse a liberdade de cultos. Maximiliano, para ganhar tempo, entrou a conferenciar com o rei da Súecia. Depois, durante as negociações, preparava-se para a guerra e combinava com Fernando o plano de atacar os suecos. Uma carta, que elle escrevia ao generalissimo do exercito austriaco Pappenheim, foi apanhada, e Gustavo irritado por esta feia acção, advertio d'isso mesmo a

França, e declarou-lhe que invadiria a Baviera. Recebendo a noticia d'esta resolução, o papa Urbano VIII exclamou: «O rei da Suecia tomou o partido o mais sabio e o mais seguro. Commetterea uma grande imprudencia se voltasse as suas vistas para outro lado, antes de derrotar Maximiliano.»

Aguardando o momento favoravel, Gustavo Adolpho passou o Rheno, em vão defendido pelos hespanhoes, e, a 13 de dezembro de 1631, Mayença abriu-lhe as portas, depois de quatro dias de sitio. Demorou-se algum tempo n'esta cidade, e deixou os seus generaes acabar a conquista do paiz.

Não foi de longa duração o seu repouso. Chamado á Franconia pelos acontecimentos de Tilly, que tinha batido as tropas sueccas do bispado de Bamberg, e marchavam sobre Nuremberg, correu ao encontro do general inimigo e forçou-o a retirar-se para o Danubio.

Entrando em Nuremberg, em 21 de março, foi alli recebido entusiastamente. Fez a sua entrada com uma simples escolta de dragões sueccos e de arcabuseiros a cavallo. Tinha deixado o exercito a alguma distancia da cidade. Os generaes e os principes allemães, que elle tinha libertado, acompanhavam-o. Os magistrados e os principaes habitantes da cidade foram ao seu encontro e lhe offereceram as chaves, em signal de obediencia e fidelidade. O povo enchia as ruas e o saudava com as mais vivas demonstrações de jubilo. O som dos sinos e o troar do canhão casavam-se com os enthusiasmos da multidão. Esta recepção impressionou profundamente o rei. Via-se alfim no centro da Allemanha, n'uma das mais pode-

rosas cidades do imperio, no meio de correligionarios por tanto tempo sacrificados pela sua causa. O futuro sorria-lhe, e em meio dos enthusiasmos da multidão não cessava de dar graças a Deus do fundo do seu coração, respondendo amavelmente ás demonstrações de que era objecto. De todos os olhos corriam abundantes lagrimas.

Quando Gustavo Adolpho chegou aos aposentos que lhe eram destinados, fizeram-lhe entrega dos presentes que a cidade lhe offerencia. Consistiam em sommas consideraveis de dinheiro e em duas espheras de um grande trabalho artistico. O rei dirigiu então aos magistrados e ao povo as palavras seguintes, que em breve foram espalhadas pela cidade em milhares de copias: «Agradeço-vos, a vós e á vossa cidade, estes ricos presentes. Em troca não posso desejar-vos outra coisa se não que persevereis na fé evangelica. Que nada vos desvie d'ella, nem as ameaças, nem as promessas, nem nenhuma das paixões ás quaes está sujeita a humana natureza. Dêstes-me os emblemas do céo e da terra; que as riquezas d'esta vos não façam esquecer nunca os thesouros d'aquelle. Eu peço a Deus esta graça para vós. Temos inimigos maus e astutos. O seu fim é o aniquilamento do protestantismo. Sua esperança é fundar a paz sobre a ruina de todos os protestantes, e elles procuram a sua salvação na perda de muitos milhões de almas.

«Deus vos confiou o governo de uma rica e poderosa cidade... Não duvido que a governareis de modo a não temer as contas que tendes de dar um dia deante do tribunal de Deus.

«A vossa cidade, cercada de perigos, foi até agora

preservada milagrosamente : tenho sido objecto de uma protecção não menos admiravel depois que puz o pé n'este paiz. Nas desgraças que teem ferido os vossos correligionarios, como nos vossos proprios soffrimentos, Deus quiz fazer-vos sentir e reconhecer quanto nós somos peccadores... Por vós e pela defesa do Evangelho, eu deixei a minha querida patria, e vim ao centro de povoações horriavelmente trucidadas por dissensões intestinas. Sacrifiquei os recursos dos meus bons e leaes subditos, o seu sangue, a minha vida, e os affectos da minha familia. Farei por vós tudo o que a graça de Deus me permittir fazer. Por vosso lado, sabeis soffrer mais algum tempo, e permaneci fieis á nossa sancta causa. Deus então vos abençoará. Fará crescer e florescer a vossa cidade. Seu nome será respeitado em todo o mundo, e depois da gloria do mundo virá a da eternidade.»

O rei, depois de ter jantado, sahiu da cidade para o meio de uma povoação mais enthusiastica ainda que á sua chegada. Para perpetuar a sua visita, todos, á porfia, procuraram gravar essa data na tela e no bronce. A poesia cantou as suas virtudes. Conservaram-se alguns versos feitos por essa occasião, tendo todos aquella côr biblica que se encontra na maior parte dos authores protestantes d'aquelle tempo :

«Com prazer fez a sua entrada, este guerreiro de tantas virtudes ornado, aquelle que jovens e velhos por tanto tempo desejavam ; o bom rei da Suecia, nosso glorioso protector, com prazer fez a sua entrada para felicidade de nós todos.»

«Com prazer fez a sua entrada este novo Gedeão, cuja fronte é radiosa como a do piedoso Macabéu; este segundo Josué, este querido e invencível heroe, cujos triumphos são conhecidos em todo o mundo.»

«Com prazer fez a sua entrada, aquelle que combate nas guerras do Senhor, este outro David que derubou Golias, este homem valente, cujo coração é sem fraude e que não procura senão a gloria de Deus. Que objecto digno de admiração!...

Deixando Nuremberg, Gustavo Adolpho apresentou-se com o seu exercito deante de Donawerth, celebre pelas desgraças que lhe tinham attrahido o seu zelo ardente pela Reforma. Uma forte guarnição bavara a defendia. Ella porém, não resistiu ás hostes sueccas. O culto evangelico foi alli restabelecido. Depois d'isto, o rei, senhor do Danubio, se encontrou por fim nas fronteiras da Baviera. O pequeno rio de Lech era a unica barreira que o separava dos Estados de Maximiliano, o baluarte do catholicismo na Allemanha. Protegidos por este rio, que a grande quantidade de neve accumulada nas montanhas de Tyrol, tinha convertido n'uma torrente furiosa, os bavaros, sob o commando de Tilly e do seu duque, pareciam desafiar mesmo todos os esforços do inimigo. Os genoraes os mais valentes e os mais habéis do exercito suecco consideravam este novo reducto como inexpugnável, e todo o ataque como uma loucura. Gustavo Horn, que tinha ganho tantas victorias, oppoz-se mais energicamente que todos os outros a esta perigosa empresa. «Como! exclamou o rei, nós atravessamos o Baltico, passamos

todos os grandes rios da Allemanha, e não passaremos um pequeno rio como o Lech!?.»

Tendo ido elle mesmo, com perigo da sua vida, reconhecer o terreno, seu olhar d'aguia lhe fez descobrir immediatamente o logar por onde podia effectuar a passagem e offerecer combate ao inimigo. Tinha notado que as margens do Lech não tinham em toda a parte a mesma profundidade. Esta circumstancia dava vantagem á artilharia suecca, a qual era facil assentar de modo a dominar o campo bavaro. Com uma audacia e destreza inauditas, conseguiu lançar uma ponte sobre o rio, e a 5 de abril, depois de uma lucta encarniçada, poz os Bavaros em debandada, e o velho Tilly, ferido mortalmente, devia considerar Gustavo Adolpho, joven e victorioso, como o ministro da justiça divina que ia punil-o pelos crimes de Magdebourgo.

Quando Gustavo viu de perto o campo inimigo e as trincheiras admiraveis que o defendiam, exclamou: «Se eu tivesse estado no logar d'este Bavaro, preferiria antes que uma bala me levasse a barba do que abandonar esta posição».

Esta victoria abria a Baviera a Gustavo Adolpho. Podia penetrar alli sem receio; mas elle quiz primeiramente libertar Augsbourgo, esta cidade á qual se ligavam, para um protestante, tão grandes e tão piedosas recordações. O edicto da restituição tinha privado os habitantes do exercicio do seu culto e posto á sua frente uma administração catholica. A Allemanha protestante não podia ver sem grande dôr a confissão de Augsbourgo ultrajada no seu proprio berço. Gustavo

Adolpho fez sahir d'alli a guarnição bavara que occupava esta cidade, e substituiu as authoridades catholicas por magistrados protestantes, que lhe juraram fidelidade. Dirigiu-se em seguida com todo o seu sequito para uma das egrejas, que elle restituiu, como todas as outras, ao culto evangelico. Alli, o seu capellão, o doutor Fabricio, prégou sobre o versiculo 6 do Psalmo XI. «Pela miseria dos desvalidos, e o gemido dos pobres agora me levantarei, diz o Senhor, eu os porei em salvo; n'isto eu obrarei confiadamente.» Depois do sermão, cantou-se o Psalmo CII. Não foi sem uma grande emoção que os cidadãos de Augsburgo cantaram aquelle cantico, que tão bem se casava com os sentimentos de reconhecimento, de que os seus corações estavam penetrados, e que lhes pintava tão perfeitamente, por assim dizer, a sua libertação :

«Minha alma abençõa o Eterno, e nunca esqueças os seus beneficios . . .

«O Eterno usa de justiça e rectidão para todos os que obram o mal etc.

Muitos dias se passaram em festas o em regosijos publicos.

---

## ULTIMAS CAMPANHAS DE GUSTAVO ADOLPHO

**Cerco a Ingolstadt—Conquista da Baviera—Expedição de Wallenstein contra Nuremberg.**

Maximiliano, depois da sua derrota, tinha-se ido refugiar por detraz dos muros de Ingolstadt. Gustavo Adolpho, furtando-se á vida socegada e tranquilla de Augsbourgo, resolveu ir apoderar-se d'esta fortaleza, como o ponto de apoio para acabar de derrotar o exercito bavaro. Mas a bravura da guarnição, engrossada pelas tropas de Maximiliano, e a solidez das fortificações frustraram esta tentativa. O proprio rei por pouco a pagava com a sua propria vida. Examinava os trabalhos do inimigo, quando uma bala de artilheria de calibre vinte e quatro veio matar-lhe o cavallo, que o arrastou na queda. As pessoas do sequito soltaram um grito de terror e precipitaram-se sobre elle julgando encotrar um cadaver. Gustavo, coberto de sangue, levantou-se e diz: «O pomo ainda não está maduro». O seu cavallo estava estendido no chão, morto, e o seu joven amigo, o principe de Buden, que estava junto d'elle, foi morto por uma segunda bala vinda do campo inimigo. No seu regresso ao meio das suas tropas o rei recebeu as felicitações da officialidade, que manifestou ao mesmo tempo os seus pesares pela morte prematura do prin-



cipe. O rei respondeu-lhes: «A morte do príncipe, e a bala que o matou, e que tão perto passou junto de mim, recordam-me esta antiga sentença: Homem tu deves morrer! Nem o meu alto nascimento, nem a minha corôa real, nem os meus exercitos, nem as minhas muitas victorias pôdem subtrahir-me á morte. Submetto-me á vontade de Deus. Se elle me tirar d'este mundo, não abandonará a santa causa, que eu defendo».

Gustavo Adolpho, como todos os verdadeiros discipulos de Jesus Christo, pensava muitas vezes no seu ultimo dia e se preparava sériamente para comparecer na presença de Deus. Sabia que não ha senão um ponto que separa o tempo da eternidade, e que a morte é o principio d'uma nova vida. O prestigio das grandezas não o tinha deslumbrado a ponto de lhe fazer esquecer a sua fragilidade e o julgamento que o esperava para além do tumulo. O fumo da gloria não lhe tinha occultado o céo. A prova d'isto está na sua profunda humildade, na confissão continua dos seus peccados e no recurso ao throno das graças do Senhor, que nós tantas vezes temos tido occasião de notar na sua conducta e nas suas palavras. Quanto mais elle avançava em annos, tanto mais se preocupava do seu ultimo fim e da salvação da sua alma, tanto mais elle procurava não ser surprehendido pela vinda do seu divino Mestre; era da parte d'elle como que um presentimento salutar do futuro.

Depois de ter levantado o cerco de Ingolstadt, Gustavo tomou o caminho da Baviera e marchou direito sobre Munich. A França tinha enviado um em-

baixador para o deter na marcha e desvial-o do seu proposito. «E' preciso, tinha dito Luiz XIII, pôr termo ás empezas d'este Godo.» A todas as razões, porém, invocadas em favor de Maximiliano e da sua pretendida neutralidade, o rei da Suecia respondeu: «Conheço muito bem o principe da Baviera: elle usa uma casaca de duas faces, e segundo as circumstancias, elle a vira de fóra para dentro e vice-versa. Por esta vez prometto-vos, que não me enganará mais». O embaixador, passando então das solicitações ás ameaças, declarou bem alto que as forças militares da França obrigaríam o rei da Suecia a abandonar o seu plano e dariam á Baviera um contingente de quarenta mil homens: «Se a França me retirar a sua alliança—disse logo Gustavo Adolpho—muito bem: n'esse caso procurarei a alliança dos Turcos, e os Turcos não são peiores alliados que os papistas. Em todos os casos, eu sei que posso contar com o auxilio do Todo-Poderoso; e que foi elle quem me enviou á Allemanha.»

Apesar da má vontade de Luiz XIII, o Godo avançou sobre o territorio bavaro sem encontrar um soldado que lhe disputasse a passagem; mas o fanatismo tinha sido por tal forma excitado pelo clero, que cada bavaro considerou como um dever sagrado preservar a sua patria do contacto impuro dos heroges. O rei da Suecia era para elles o Anti-Christo; em suas orações elles pediam a Deus «que os livrasse do demonio succo» Era uma obra meritoria matar um sueco; não importam os meios. Formaram-se bandos de aldeãos, e os infelizes soldados que cahiam nas suas

mãos soffriam os mais crueis supplicios. Em todo o tempo, o fanatismo soube inventar torturas novas e variadas. Na Baviera, como na Hespanha e outras partes, o genio da crueldade fez milhares de victimas.

Gustavo Adolpho, á vista d'estes horrores, sentia por vezes o sangue ferver-lhe em colera, e deante do seu espirito perpassavam pensamentos de vingança. Mas bem depressa elle abafava estes primeiros movimentos e, em logar de maltractar aquelles bandos de furiosos, que martyrisavam os seus bravos soldados e o tomavam a elle mesmo por um subdito de Satanaz, elle lhes provava, por sua bondade e paciencia, que era melhor christão que elles. Mais energicamente que nunca elle procurou manter a disciplina, e respondeu ao odio o mais encarniçado com uma clemencia sem limites.

Em Landshut, desde que o exercito appareceu em frente dos muros da cidade, a guarnição fugiu e os habitantes se esconderam para escapar ás represalias que elles tinham como legitimas e inevitaveis. Tranquilisados pela attitude pacifica de seus vencedores, verdadeiramente impressionados da sua moderação e ordem que reinavam nas suas fileiras, sahiram dos seus esconderijos, e os principaes d'entre elles se lançaram aos pés do rei, pedindo-lhe que os poupasse e poupasse a cidade. Gustavo respondeu-lhes: «Quando eu penso nas crueldades que tendes exercido contra os meus soldados, ou pergunto a mim mesmo em verdade, se sois homens ou feras, e não sei como ter compaixão de vós». Não quiz prometter coisa alguma e sahiu da cidade, que

guardava um silencio de morte, sem ter decidido coisa alguma. O céo estava coberto de nuvens. A alguns passos de distancia, o fusilar de um relampago, seguido de um formidavel trovão, bateu de chapa no rosto do rei. Esse trovão fez lembrar a Gustavo Adolpho a existencia de um Deus vivo, cujos castigos são terribes e que não perdoará áquelles que não perdôam, e assim Landshut foi apenas condemnada a pagar uma contribuição para as despezas da guerra.

De Landshut Gustavo Adolpho se dirigiu para Munich, e a 7 de maio de 1632, fez a sua entrada triumphal n'esta cidade, accompanhado de um grande sequito de principes allemães e generaes sueccos. O infeliz rei da Bohemia, o paladino Frederico, estava ao seu lado e via o seu mais cruel inimigo ferido de uma adversidade semelhante á sua. Havia dez annos que Maximiliano tinha invadido a Bohemia e expulso Frederico da sua capital. Agora estava elle tambem, por sua vez, exilado dos seus Estados e Frederico triumphante em seu palacio. Que frisante exemplo da instabilidade das coisas mundanas! Gustavo Adolpho, na occasião do jantar notou isto mesmo, dizendo: «Depois das revoluções tão inesperadas, disse elle a Frederico, podeis esperar jantar um dia em paz e repouso na vossa capital.»

Procuravam levar o rei a vingar n'esta cidade o saque de Magdebourgo. Recusou satisfazer taes desejos, e prohibiu, sob pena de morte, que se fizesse o menor damno aos seus habitantes. Um tal procedimento conciliou-lhe as sympathias de todos. Os pro-

prios jesuitas louvaram a magnanimidade do rei. Gustavo Adolpho mostrou-se para com elles de uma extrema benevolencia. Não sómente não os expulsou, mas chegou a visitar o seu proprio convento, O superior dirigiu-lhe em latim uma allocução em que exaltava as suas eminentes qualidades. O rei respondeu na mesma lingua, e travou discussão sobre a Santa Ceia. Sustentou vigorosamente as doutrinas evangelicas sobre este ponto importante, sem jámais faltar aos deveres da cortesia a mais perfeita e do respeito o mais sincero para com as opiniões dos seus antagonistas. Os seus velhos coroneis murmuravam contra tanta complacencia e diziam: «O rei bem melhor faria expulsando os jesuitas do que discorrendo com elles.» Gustavo advinhou-lhes os seus pensamentos e, ao sahir do convento, disse sorrindo: «Porque quereis vós perseguir estes homens? Não vêdes que muitas vezes elles proprios prejudicam a causa que defendem, e servem de uma grande utilidade áquella que elles combatem?» Sabias e profundas palavras que encerram uma lição, proveitosa para todos os tempos.

Gustavo Adolpho não se demorou por muito tempo em Munich, cuja magnificencia não cessava de admirar, e á qual chamava, por causa dos seus arrabaldes caidos e tristes *um selim de ouro no cerro de um ruim cavallo*. Wallenstein, á frente de um grande exercito, caminhava ao encontro do rei.

Gustavo estava já senhor na Allemanha da Franconia, Mayença, uma parte da Souaba, da Baviera e da Bohemia. Os generaes guardavam fielmente as suas

conquistas. A liga catholica tinha-se dissolvido, e a Austria achava-se descoberta, de todos os lados. Fernando, em apuros, tremia em Vienna. Não tinha tropas nem generaes. O inimigo approximava-se. Humilhou-se deante do orgulhoso duque de Friedland; submetteu-se a todas as suas imposições; e, em alguns mezes, quarenta mil homens estavam promptos a defendel-o, sob o commando do maior capitão do Imperio. Wallenstein assignalou o principio da sua campanha pela expulsão dos Saxonios da Bohemia. No fim de maio não havia um soldado saxonio n'este paiz. Maximiliano conjura então o vencedor a salvar os seus estados, e renova com mais instancia o pedido do soccorro que elle, por vezes, mas em vão, lhe tinha feito. Como Fernando, elle poz-se tambem á mercê do homem cuja desgraça tinha provocado. Elle, o chefe da liga catholica, o primeiro principe do Imperio depois do Imperador, consente a tornar-se inferior a este bohemio, cujos serviços outr'ora tinha recusado. Elle é quem commanda o seu exercito, e o principe obdece ás suas ordens. O duque de Friedland diz então aos seus officiaes, depois de combinado o seu plano: «Emfim obriguei o meu inimigo mortal a implorar o meu perdão e o meu auxilio. Estou vingado de todo o mal que elle me fez.»

Os dois exercitos reunidos elevaram-se a sessenta mil homens, e os Suecos não eram senão vinte mil, quando Wallenstein se propunha atacar Nuremberg. Se Gustavo não tivesse escutado senão os frios conselhos do egoismo, elle devia, antes de ter reunido as

suas tropas, dispersas por toda a Allemanha, evitar o inimigo e abandonar Nuremberg ás suas proprias forças. Mas o desastre de Magdebourgo não se tinha apagado da memoria do rei, e elle se decidiu a perecer antes com o seu pequeno exercito do que deixar exposta uma cidade, aonde elle tinha recebido os mais vivos testemunhos de dedicação e affecto, ao furor selvagem das tropas imperiaes. Não hesitou um momento, e cuidou de prevenir o perigo. A' sua chegada. tractou de cercar a cidade com primeiras e segundas trincheiras bem fortificadas, e bem assim alojar os soldados, sem gravame para os habitantes. Auxiliados pelo zelo dos burguezes e dos aldeãos dos logares visinhos, as tropas suecas acabaram, dentro de pouco tempo, os trabalhos das fortificações. Os magistrados, por sua vez, fizeram todos os esforços para reunir viveres em abundancia e organizar uma guarda burgueza numerosa, que mantivesse a ordem na cidade, e podesse, em caso de necessidade, contribuir para a sua defeza. «Nuremberg, disse Gustavo Adolpho, é a pupilla dos meus olhos, e eu a defenderei com todas as minhas forças.» A união mais completa reinava entre os soldados e os habitantes. O povo cantava :

«Nuremberg, flôr do Imperio, o inimigo jurou a tua perda. Mas Deus lançou sobre ti o seu olhar de misericordia, e elle te enviou um pae, da Suecia. Elle está alli, sob a abobada do céo, a velar sobre ti com a sua tropa. Tem cuidado de que nada lhes falte. Do seu bem estar depende a tua salvação. Magdebourgo bem desejava n'este momento ter feito tudo para a sua

defeza. Mas a prudencia vem sempre muito tarde, e quando o mal já está feito.»

E' n'estes sentimentos de confiança e sympathia reciprocas que elles se preparam para receber o inimigo. Este não se fez esperar por muito tempo. Mas em logar de atacar a cidade, Wallenstein assentou os arraiaes em frente a ella, a menos de uma legua dos de Gustavo, e n'uma posição inexpugnavel. «Até aqui, disse elle, tem-se ferido muitas batalhas; eu quero agora ensinar ao rei da Suecia a fazer a guerra de uma outra maneira.»

Elle esperava vencer os Suecos pela fome. Ignorava os recursos que Nuremberg fornecia aos seus defensores, e não tinha previsto que seria elle quem primeiramente teria de soffrer o flagello que elle tanto desejava para os seus inimigos. Os habitantes dos arredores da cidade ameaçada tinham fugido, levando com elles tudo o que tinham podido. Não encontrando com que alimentar o exercito, o duque de Friedland era obrigado a mandar vir provisões do seu alliado, o principe da Baviera ou do Palatinato. Para occorrer ás suas necessidades diarias, os Imperiaes disputavam aos Suecos os poucos viveres que restavam ainda no paiz. Empenharam-se para esse fim escaramuças frequentes, e perderam-se sem grande proveito muito tempo e muita gente. Os dois exercitos enfraqueciam-se assim em luctas estereis. A fome começava a sentir-se em ambos os campos, e doenças contagiosas invadiram os dous exercitos. Poucos dias depois da chegada dos quarenta mil homens dos reforços que Oxenstiern tinha



mandado, a 24 de Agosto, Gustavo resolveu atacar os Imperiaes no seu proprio campo, pois que elles recusavam a dar batalha, e persuadiu-se escapar assim a esta lenta agonia que minava, depois de tres meses, o seu valente exercito e embaraçava todos os seus projectos. Mas os logares elevados que occupavam as tropas de Wallenstein vomitavam a morte por centenas de canhões, e os assaltantes faziam esforços desesperados para abrir passagem por meio d'esta barreira de ferro e fogo. Expostos de todos os lados aos golpes do inimigo, admiravelmente defendido pelas suas trincheiras, os Suecos não ganhavam um pouco de terreno senão para o perderem logo em seguida. O combate foi terrivel. Wallenstein teve o seu cavallo morto, que o arrastou com elle na queda, e uma balla de artilheria levou a solla de uma das botas do rei. Gustavo ficou com dois mil homens de menos e Wallenstein conservava as suas posições. As tropas suecas retiraram-se em boa ordem, sem que o inimigo ousasse perseguil-as.

Recomeçou a guerra da fome. Os laços da disciplina romperam-se no proprio campo sueco. As tropas allemães déram o exemplo do saque e da pilhagem, e o resto do exercito encontra no crescimento dos seus males um motivo para os imitar. Sabendo pelas queixas dos aldeãos maltractados que os seus soldados empanavam o brilho da sua antiga reputação e faziam odiar o nome sueco, que a sua prudencia até alli lhes tinha feito amar e respeitar, o rei sentiu uma profunda magoa, e o seu descontentamento recahiu sobre os pri-

meiros authores de todas estas desordens. Reuniu os principes allemães e os seus officiaes. Em seguida fallou-lhes com uma vehemencia e uma severidade extraordinarias: «De toda a parte tem chegado aos meus ouvidos queixas do procedimento das nossas tropas para com os nossos alliados. O povo queixa-se de que o seu amigo, o rei da Suecia, lhes faz mais mal que Wallenstein, seu implacavel inimigo; os Suecos, dizem, fazem a guerra como os Croatas. Estas accusações me despedaçam o coração, e tanto mais quanto infelizmente sei que são verdadeiras. Eu sou innocente de tudo isso; protestei sempre contra esse procedimento e severamente tenho punido, como sabeis, os seus authores. E sois vós desgraçados Allemães, que assolais a vossa propria patria, que roubais os vossos concidadãos, e lançais no desespero os vossos correigionarios que jurastes proteger. A vossa presença me recorda todas as vossas infamias, e o meu coração sangra de desgosto! Vós me causais horror! Se vós fosseis christãos verdadeiros, cumpriríeis os vossos deveres para com a patria e para com os vossos correigionarios, e vos lembraríeis do que por vós tenho feito. E' por vós que eu arrisco a minha vida e que eu sacrifico o meu repouso. E' por vós que eu tenho despovoado o meu reino e esvasiado os cofres da nação; tenho-vos dado mais de quarenta *tonnes* de ouro (1); e eu não tenho recebido de vós nem de toda a Allemanha, com que comprar

---

(1) Cada *tonne* vale cerca de 300:000 francos, ou 540 contos da nossa moeda.

um fraco gibão. Tudo o que Deus me tem concedido, vol-o tenho dado sem reserva. Não vos peço nada, e prefiro voltar para o meu paiz pobre e nu que vestir-me e enriquecer-me á vossa custa.

«Se murmurais, se esqueceis Deus e honra para me abandonar, eu me cercarei dos meus Suécos e dos meus Finlandeses (1) nós nos defenderemos até á ultima, e o mundo inteiro verá que, rei christão, eu quero antes perder a vida que manchal-a pelo crime de traição á obra sancta que Deus me confiou.

«Supplico-vos, pois, em nome da misericordia divina, que penseis n'estas coisas e interrogueis a vossa propria consciencia. Lembrai-vos que dareis contas a Deus do vosso procedimento, e que um dia comparecereis na presença d'aquelle Juiz celeste, a quem nada é occulto.»

A situação não podia, pois, ser mais critica. Durante muito tempo que os dois exercitos se conservaram um em frente do outro, e Wallenstein occupava sempre as suas antigas posições. Dos dous lados as perdas eram consideraveis. Os calores da canicula vieram augmentar as difficuldades da situação. Os cada-veres exhalavam em ambos os campos um cheiro infecto; os viveres rareavam cada vez mais. Privados do pão e respirando um ar pestilente, os soldados pareciam condemnados a perecer todos, pela peste e pela fome.

Gustavo não quiz condemnar tantos bravos a uma

---

(1) A Finiandia faz hoje parte do imperio russo

morte tão pouco gloriosa e tão cruel. A 8 de setembro de 1632, deixou o territorio de Nuremberg, depois de ter deixado na cidade uma guarnição sufficiente para a pôr ao abrigo de qualquer assalto. Passou, com as suas tropas postas em ordem de batalha, por deante do campo austriaco. Esperou o inimigo durante quatro horas. Wallenstein, porém, não se moveu. Habitudo a victorias facéis, addiou sempre o momento de uma grande batalha, com aquelle que a elle mesmo proclamava o *querreiro o mais destemido e o general o mais habil de todo o mundo*. Homem sem principios, cuja ambição e cobiça eram a unica lei e o unico deus, fazia a guerra como um jogador que, feliz por muito tempo, se acautella de arriscar a sua fortuna n'uma só partida, insolente com os fracos e timido com os fortes. Gustavo dirigiu-se pois, para Windsheim, na Baviera, para acabar a conquista d'este paiz e penetrar em seguida na Austria. Apenas voltou as costas ao inimigo, Wallenstein levantou os arraiaes, depois de ter, segundo o seu costume, assignalado a sua passagem com o incendio de muitas aldeias, e manifestado por este horrivel adeus as suas intenções barbaras, com respeito a Nuremberg. De sessenta mil homens de que se compunha o seu exercito, não restavam mais que trinta e seis mil, cuja quarta parte era formada de Bavaros. Os Suécos ficaram redusidos a trinta mil, tendo deixado vinte mil mortos juntos aos muros de Nuremberg.

Para assegurar o successo das suas operações na Baviera, Gustavo Adolpho foi sitiar Ingolstadt, espe-

rando reparar as suas perdas e tirar a Maximiliano o seu mais seguro asylo. Sabe alli que Wallenstein devastava Saxe e lhe fazia pagar caro as suas sympathias pela Suecia. Ao saber esta nova, addia, pela segunda vez, a execução do seu plano de campanha, e, sempre leal e fiel, muda de caminho e corre em socorro do seu alliado.

---

VII

## FIM DA VIDA DE GUSTAVO ADOLPHO

**Regresso dos Suecos a Saxe-Victoria e morte de Gustavo Adolpho em Lutzen — Sua administração na Suecia**

Dopoiz de ter junto suas tropas ás de Bernardo de Weimar, o rei da Suecia marchou contra o duque de Friedland, seguindo o mesmo caminho que um anno antes tinha seguido, mas n'uma direcção opposta. Vinte mil homens, experimentados nas campanhas precedentes, estavam debaixo das suas ordens. Por toda a parte todos julgavam-se felizes em receber o rei, e o rei feliz pela recepção entusiastica com que todos o acolhiam. Ninguem deixava de admirar os seus regimentos, em fileiras cerradas, manifestando um ar marcial, com Gustavo á sua frente, cavalgando no meio do mais profundo silencio sobre um grande cavallo branco e não se distinguindo no seu modo de trajar do simples soldado, senão pela pluma branca do seu pequeno

chapeu cinzento, á moda sueca. Quando este valente exercito se demorava em alguma parte para descansar não practicava o menor acto que merecesse a mais pequena censura. Pessoas e bens, tudo era respeitado. Na Franconia e na Thuringuia, os Suecos, de manhã e á noite, ao levantar e ao deitar, oravam em alta voz com as pessoas que os hospedavam, e lhes agradeciam a hospitalidade, no momento da partida. Os Allemães d'estas provincias consideravam estes soldados como membros da sua familia e não se separavam d'elles sem derramarem lagrimas de saudade.

Um facto contribuiu particularmente para lhes fazer apreciar a bondade do rei da Suecia e bêm agourar o futuro, bondade revelada em milhares de acções por elle practicadas, e cuja lembrança se tem conservado nas suas chronicas até aos nossos dias.

Em um dos logares que elle atravessava, Gustavo Adolpho vio uma ave de rapina que perseguia uma cotovia. Como esta scena chamasse a sua attenção, a avesinha perseguida veio procurar asylo no regaço do rei. Gustavo tomou-a nas mãos, e affagando-a com todo o cuidado com receio de a molestar, exclamou: «Pobre avesinha! que Deus te proteja!» Depois quando a ave de rapina já ia longe, e a cotovia estava já fóra de perigo, o rei a deixou ir, agradecendo a Deus por lhe ter dado occasião de salvar uma innocente creatura. Havia n'esta anedocta uma como que tocante allegoria da obra que Gustavo Adolpho vinha cumprir. A Austria era para os protestantes da Allemanha como um abutre, prestes a devoral-os, e é nos braços do rei da

Suecia que elles se tinham lançado para recobrar a sua liberdade!

Em Erfurt, Gustavo Adolpho encontrou a rainha que o esperava. Estava tão impaciente pelo ver que ella foi ao seu encontro á cidade. O rei não pôde gozar o prazer da sua presença. Wallenstein estava a mui pouca distancia de Erfurt.

No dia seguinte, a 28 de outubro de 1632, Gustavo Adolpho mandou chamar os magistrados da cidade e fallou-lhes assim: «Eu vos confio o que possuo de mais caro n'este mundo, a rainha, minha amada esposa. Vós o sabeis, senhores, todas as coisas d'este mundo estão sujeitas a vicissitudes, e a guerra, sobretudo, de que Deus se serve para castigar os homens da sua perversidade. Como qualquer outro, eu posso ser ferido pela desgraça, pela morte talvez. Se tal fôr a vontade de Deus, tende por minha querida esposa a fidelidade e a dedicação de que tantas e tão repetidas vezes me tendes dado as mais sinceras e inequivocas provas.»

E como a rainha derramasse abundantes lagrimas elle a estreitou ao seu coração e lhe disse: «Animo! nós nos tornaremos a ver; se não fôr n'esta vida, sel-o-ha, pelo menos, tarde ou cedo, na eternidade».

Abraçando-a em seguida pela ultima vez, elle montou no seu cavallo, e pondo-se á frente das tropas, partiu. Elle ganhou a dianteira ao exercito que Wallenstein tinha mandado para se apoderar de Naumbourgo e alli entrou, no dia 1 de novembro de 1632. O povo não cabia em si de alegria, e todos disputavam a honra de beijar os seus vestidos. Não sabiam como tes-

temunhar ao seu protector a sua admiração e o seu reconhecimento. Muitos se lançaram aos seus pés. Gustavo Adolpho os levantou em seguida, e voltando-se para o seu esmoler-mór: «Não dirão — disse elle com uma profunda melancholia — que este povo me crê um deus? Os nossos negocios vão bem; mas eu receio muito que Deus não os puna pela sua idolatria e lhes não prove mais cedo que eu não sou senão um homem fraco e mortal como elles.»

O exercito austriaco, chegado tarde para tomar Naumburgo, acampou a menos de meia legoa d'esta cidade, em Weissenfels. Duas vezes mais numeroso que o exercito suecco, elle contava derrotal-os na primeira occasião que tivessem. Gustavo Adolpho, porém, seguindo a mesma tactica que em Nuremberg, entrincheirou-se nos arredores de Naumburgo, esperando alli pelos reforços que lhe deviam vir da Baixa Saxonia. Wallenstein recuou ainda e não ousou assaltar o campo inimigo, convencido de que as suas posições eram inexpugnaveis. Pappenheim, não podendo supportar a inacção, pedio e obteve licença de conduzir onze mil homens pouco mais ou menos em soccorro da Colonia. A separação entre os dois generaes e as suas tropas teve logar em Lutzen, não longe de Leipzig, aonde Wallenstein tencionava estabelecer os quartéis de inverno, suppondo que o inimigo queria fazer o mesmo em Naumburgo. Logo que Gustavo Adolpho soube da partida de Pappenheim, e que por esse motivo o exercito imperial tinha ficado muito reduzido, exclamou: «Eu creio intimamente que Deus me ajuda-



rá n'esta victoria contra o inimigo, e que este, finalmente, cahira agora ás minhas mãos»; e sem perda de um momento, poz-se a caminho em perseguição de Walenstein, e um dia depois, elle o surprehendia deante de Lutzen. Infelizmente, não o pôde alcançar senão de noite, apesar dos esforços que havia feito, sentindo por isso um grande pesar de ter de addiar a batalha para o dia seguinte.

Ao romper do dia, Gustavo mandou chamar o seu capellão, e passou uma hora juncto com elle em oração. Assistiu em seguida ao serviço divino que tinha logar todas as manhãs ( <sup>1</sup> ) Notou-se que n'esta occasião, contra o seu habito, se conservou sempre de joelhos. Estava immerso em profundas cogitações. Deu ordem para que se cantasse o celebre cantico de guerra que elle proprio tinha composto, e que enthusiasmava, antes do combate, as suas tropas :

«Apezar do tumulto e das vozes ameaçadoras que retumbam ao derredor de ti, não temas, pequeno rebanho. Tens inimigos se regosijam com a tua perda, mas a sua alegria dissipar-se-ha como o fumo. Não deixes que o desanimo entre em teu coração.

«A tua causa é a causa de Deus, cumpre a tua missão, entrega-te nas mãos do Senhor, e tu não temerás perigo algum. Elle encontrará ainda um Gedeão para defender com energia a palavra de Deus.

«Nós esperamos, pelo nome de Jesus, que a mal-

---

(1) Durante este serviço cantava-se quasi sempre o cantico de Luthero.

dade e a astucia dos impios se voltarão contra elles. Elles virão a ser um objecto de zombaria e de desprezo. Deus está connosco, nós estamos com elle. A victoria pertence-nos.»

Era a 6 de novembro de 1632. Um espesso nevoeiro cobria o campo em que se devia ferir a batalha. As tropas, mesmo as que estivessem mais proximas, não podiam vêr-se umas ás outras. Ouvia-se sómente o cantico dos Psalmos, que de tempos a tempos era abafado pelo troar dos canhões de Wallenstein, que annunciavam que estava proximo o combate. Gustavo Adolpho esperando que o sol subisse no horisonte, pôz o exercito em ordem de batalha, e deu-lhe a antiga palavra de ordem: «Deus é connosco.» Estava a cavallo e sem armadura. Ponderaram-lhe a necessidade de se armar contra os golpes do inimigo, sobre tudo n'uma occasião como aquella, em que tudo annunciava um combate vivo e porfiado. Elle respondeu: «O Eterno é o meu escudo». Em seguida passou revista ás tropas para as animar. Primeiramente dirigiu-se aos Suécos. «Caros compatriotas e amigos, chegou o dia em que deveis mostrar o que tendes aprendido dos vossos numerosos combates. Tendes deante de vós o inimigo que por tanto tempo temos procurado, e elle, d'esta vez, não está defendido por formidaveis trincheiras ou por altas montanhas. Está alli n'uma planicie aberta deante de nós. Não é de bom grado, bem o sabeis, que elle acceta o combate, e que elle se julga seguro da sua victoria. Não, é porque lhe é impossivel evitar por mais tempo o encontro das nossas armas. E'

porque, se arreceia de vós. Estai, pois, firmes, portai-vos como soldados dignos, e combatei valentemente pelo vosso Deus, pela vossa patria e pelo vosso rei.»

Passou em seguida á ala esquerda do exercito, formada pelos auxiliares allemães e lhes diz: «Meus irmãos e leaes camaradas! Eu vos peço e vos recomendo, em nome da vossa consciencia christã e da vossa honra, fazer n'este dia o vosso dever como sempre o tendes feito. Ha um anno, pouco mais ou menos, e não longe d'aqui, vós derrotaste o velho Tilly e o seu exercito. Espero que o inimigo que está na vossa frente não terá melhor sorte. Marchai com coragem; vós combatareis, não sob as minhas ordens, mas comigo e ao meu lado. Eu mesmo vos mostrarei o caminho. Estou prompto a arriscar a minha vida e a derramar o meu sangue junto com o vosso. Segui-me, tende confiança em Deus e alcançai uma victoria do que vós e os vossos descendentes recolhereis os fructos preciosos. Lembrai-vos que se vos deixardes vencer, porigarão a vossa liberdade e a vossa religião.»

Os soldados responderam com palavras de alegria e entusiasmo á allocução do seu chefe. Gustavo, longe de se associar a estes transportes de jubilo, estava com um semblante mais triste e sombrio que o costume. Tinha tomado todas as precauções como um homem que vae morrer. Tinha designado o duque Bernardo de Weimar para tomar o commando das tropas em seu logar, se morresse no combate. A tristeza que se notava no seu rosto era o indicio de graves pensamentos que o agitavam, e como que um ultimo adeus de sau-

dade ás legitimas affeições que tinha no mundo, antes de se entregar a Deus sem reserva e para sempre.

Pelas onze horas, o nevoeiro dissipou-se, e o sol illuminou com os seus raios os campos de Lutzen. Quando os dois exercitos se avistaram, Gustavo Adolpho curvou a frente e orou pela ultima vez mentalmente e com grande fervor. Depois levantando os olhos para o céo, e de mãos erguidas sobre os copos da espada, exclamou: «Jesus! Jesus! sê meu auxilio n'este dia em que combato pela gloria do teu sancto nome.» Depois brandio a espada por cima da sua cabeça e accrescentou: «Para a frente, agora, em nome do Senhor!» O rei estava cercado por Francisco Alberto, duque de Lassenbourg, do marechal do palacio, Kreilsheim, do pagem Leubelfingen, de muitos officiaes e dous domesticos.

A artilheria começa a vomitar fogo de um e outro lado, e as tropas suecas se arremessam contra o inimigo. Muitas balas cahem aos pés do rei e não o impedem de occupar a frente da ala esquerda do seu exercito, que caminha ao longo da estrada de Lutzen a Leipsig, aonde se encontravam os Austriacos. Elles tinham cavado fossos, d'onde faziam um fogo vivo contra os Suecos, sem que elles mesmos se expoessem aos seus golpes. Gustavo Adolpho tinha ordenado á infantaria que transpозesse os fossos, e como ella não avançava tão rapido como a sua impaciencia queria, desceu do cavallo e marchou a pé á frente d'elles para os animar, dando elle proprio o exemplo. Os soldados pediram-lhe para que se retirasse. Mudou então de ca-

vallo, e correu para a frente da cavallaria. Os fossos são transpostos. A ala esquerda do inimigo é derrotada pelos couraceiros finlandezes, commandados pelo proprio rei. N'este momento é informado que a infantaria recua, e n'um prompto vai em seu auxilio.

O seu fiel ginete atravessa como uma flecha os fossos, mas a passagem é mais difficil para os esquadões que o acompanham, e alguns cavalleiros, entre os quaes se conta o duque Francisco Alberto de Lossenbourgo, eram os unicos que o podiam seguir, por que tinham bons cavallo. Corre em direitura para o logar, onde a sua infantaria parece ser atacada com mais furor, e emquanto que elle procura descobrir nas fileiras dos inimigos um ponto vulneravel, por onde possa dirigir o ataque, elle anima e encoraja os seus soldados. Um cabo de esquadra do exercito imperial nota que os Suecos se affastam com respeito para abrirem passagem ao rei. Diz então a um mosqueteiro, apontando-lhe o rei: «Aponta e aponta bem; necessariamente aquelle deve ser um grande personagom.» O soldado obedece, e a bala vai ferir o braço esquerdo do rei. No mesmo instante, o regimento que não tinha podido seguir-o mais de perto, cerca em tropel e confusão o rei, repetindo em altas vozes, com vivos signaes da mais estranha afflicção: «O rei está ferido! o rei recebeu um tiro!»; e todos são tomados da mais profunda consternação. «Não é nada; segui-me!» exclama Gustavo Adolpho fazendo um supremo esforço, visto que tinha sido muita a perda do sangue; e logo, vencido pela fraqueza, antes de perder os sentidos, pede ao

duque de Luenbourgo em francez, afim de não ser entendido senão por elle, de o conduzir para fóra do combate, sem que as tropas o soubessem. O duque obedece; e, para poupar aos Suecos o espectaculo cruel do seu rei ferido, toma o caminho mais longo para o levar á ala direita do exercito. Durante este trajecto, Gustavo recebe nas costas uma segunda bala que lhe tira o resto das suas forças. «Agora, disse elle com uma voz moribunda, conheço que é chegado o meu ultimo fim; e para que se não perca tudo, deixa-me, e salva tu a tua vida.» Apenas pronunciou estas palavras, cahe do cavallo e recebendo novas ballas, e abandonado de todos (\*) rende o ultimo suspiro entre as mãos dos Croatas.

A' vista do seu cavallo coberto de sangue, errando ás soltas pelo campo, a cavallaria sueca comprehende então toda a extensão de tão horrivel desgraça. Tomada de um sentimento de dor e vingança ao mesmo tempo, dirige-se para o logar em que Gustavo tinha cahido morto; quer arrancar os preciosos restos do seu rei ás mãos barbaras que o despojam de tudo; trava-se um combate sanguinolento em volta do seu cadaver, e o seu corpo desfigurado já, lá fica sepultado entre um montão de mortos.

---

(\*) O joven pagem Leubelfingen foi o unico que ficou junto do rei, e allí recebeu um golpe de espada que lhe atravessou o corpo. Viveu ainda alguns dias depois da batalha, e foi elle quem contou os ultimos momentos de Gustavo. No logar em que o rei tinha cahido, rolaram uma enorme pedra, conhecida ainda em nossos dias pelo nome de *pedra dos Suecos*.

Em um instante, o exercito sueco sabe que o seu chefe era morto ; mas esta terrivel nova, longe de diminuir-lhe a coragem, lh'a excita até á raiva. A vida não tem mais valor para estas valentes legiões, depois que se tinha eclypsado a mais gloriosa e util de todas as existencias : a morte perdeu todos os seus horrores depois que ella feriu o seu rei.

Como leões furiosos, os regimentos finlandeses, os Ostrogodos e os Visigodos se precipitam sobre a ala esquerda do inimigo, e a fazem em pedaços. Ao mesmo tempo, o duque Bernardo de Weimar, segundo os votos de Gustavo Adolpho, toma o commando do exercito... elle põe em debandada a ala direita das tropas imperiaes e se apodera da sua artilheria. Nada resiste ao valor dos Suecos. Wallenstein, vendo suas tropas recuarem em todos os pontos, sem que de novo as possa reunir para o combate, perde toda a esperança da victoria e se prepara para a retirada, quando Pappenheim chega em seu soccorro com oito regimentos de dragões e couraceiros. Recomeça então uma nova batalha. Pappenheim, ardendo em desejos de se medir com Gustavo Adolpho, e ignorando a sua morte, precipita-se sobre a ala direita do exercito sueco e, no momento em que elle procura o seu rival, é ferido por una balla e obrigado a retirar-se. Com elle desaparece a esperança dos Imperiaes, que se aproveitam da noite para a fuga, deixando os Suecos senhores do campo, assim como da sua artilheria e munições.

Pappenheim morreu no dia seguinte ao d'esta san-

guinolenta batalha, e Wallenstein (1) abandonou a Saxonia aos vencedores, que retomaram todas as praças de guerra occupadas pelos Austriacos.

A victoria de Lutzen causou aos Suécos mais dôr que alegria. O seu querido rei era morto. Nada podia compensar esta perda irreparavel. O exercito chorou-o como um pae, e todos os protestantes da Europa consideraram as suas mais queridas esperanças como sepultadas com elle no seu tumulo.

Tinha quarenta annos apenas.

O que teria feito, se elle tivesse vivido?... Aspiraria, como pretendem alguns, a cingir na fronte a corôa imperial, e a morte impedio-o de realisar este seu sonho, este seu projecto ambicioso? Não podemos dizel-o. A sua vida foi exempta de todo o calculo, e, até ao ultimo momento, foi fiel á sua sancta missão. Combateu pelo Evangelho e pela liberdade. Deus se encarregou de fazer germinar e amadurecer a semente que elle havia regado com o seu sangue. A verdade é immortal, e seus proprios inimigos muitas vezes são, entre as mãos da Providencia, levados, bem contra a sua vontade, a concorrer para o seu eterno e inevitavel triumpho. Quem teria crido, quando a morte lançou por terra o heroe do Norte, o defensor o mais terrivel e o mais convicto da Reforma, que não seriam os feitos dos

---

(1) Wallenstein, vencido a principio por sua inacção, batten mais tarde os Suécos em Steinau, graças á incapacidade do conde de Thurn, que os commandava em pequeno numero. Conspirou em seguida contra o imperador, que o mandou fuzilar a 25 de fevereiro de 1634. Triste morte, porém digna de tão illustre aventureiro!



seus valentes successores, mas a politica de dous cardeaes que daria á Allemanha esta independencia religiosa pela qual se tinha empenhado durante trinta annos, e asseguraria assim o futuro do protestantismo na Europa?! (1). Quando pediam a Gustavo Adolpho que tivesse cuidado de si e poupasse a vida, respondia: «Deus, Todo-Poderoso, vive.» O desfecho inesperado d'esta longa e cruel guerra, a maneira por que se cumpriu a obra do grande rei da Suecia, justificou estas piedosas palavras que muitos outros factos da historia dos povos confirmam e nos quaes incessantemente se mostra, enganando todas as previsões e zombando de todas as combinações humanas, o poder irresistivel e consolador do Senhor do universo.

Poucos homens deixaram de si á posteridade uma memoria mais illustre que Gustavo Adolpho. Seus proprios inimigos lhe faziam essa justiça. «Era o maior rei do mundo»—dizia o papa. Seu nome recorda o conjuncto das virtudes as mais solidas e brilhantes. Vimos a sua fé profunda, a sua inflexivel justiça e a sua inalteravel bondade, a sua coragem, por vezes temeraria, o seu grande e terno amor por sua familia, todas as virtudes, em summa, do homem e do heroe, unidas

---

(1) A guerra continuou, depois de Gustavo Adolpho, salvo alguns reveses, com honra para a Suecia. Faltava o seu genio para se aproveitarem todas as victorias e imprimir unidade a todas as campanhas. Mas a França interveio por inveja de Richelieu e Mazarin, que temiam o poder da Austria; e, quando o general sueco Wrangel derrotou, com o auxilio de Turenne, os Imperiaes, em Sommerhausen, perto d'esta margem do Lech, em que, seis annos antes, Gustavo Adolpho a tinha vencido tambem, a Austria cedeu, e foi assignada a paz de Wesphalia (1648).

a um genio militar, que póde ser egualado, mas nunca excedido.

Transformou completamente a arte da guerra. Segundo M. Michelet, elle partiu d'este principio, que o que havia de mais forte, não era o enthusiasmo dos Turcos, a impetuosidade da cavallaria, não era tão pouco o ar grave e pesado dos couraceiros imperiaes, nem mesmo os muros e as bem construidas fortalezas da Hollanda—mas sim muros humanos, o bom soldado de infantaria bem disciplinado e o peito do homem. E bem longe de formar quadrados cerrados como os Hespanhoes ou os Janisaros, fileiras contra fileiras, que, uma vez abertas por um dos flancos, estabelecem a confusão e a desordem, collocava os seus soldados em fileiras simples com um vacuo por detrás, dizendo: «Se a cavallaria abrir passagem por qualquer lado deixai-a passar, e univos no mesmo instante». Esta confiança extraordinaria na força moral produziu o seu effeito. E esta admiravel tactica sueca seduziu aquella cohortes de bravos a ponto que muitos abandonavam os seus serviços lucrativos, e imitando-lhes o exemplo a propria Hollanda, que veio tomar parte n'esta guerra arriscada, em que não havia outra muralha de guerras senão o coração. O que havia de mais admiravel ainda que esta tactica era a disciplina que Gustavo conservava no seu exercito; era este o seu codigo militar, obra prima no genero, em que a severidade da regra tinha por base a justiça e o temor de Deus. «Pode-se,—dizia elle — ser um combatente animoso e arrojado, mas nunca um bom soldado quando se não é um bom christão».

Mas Gustavo Adolpho não foi sómente um grande capitão e um grande christão, foi tambem um administrador de primeira ordem, e provou que não era menos capaz de dirigir um Estado que um exercito. No seu reinado, a Suecia vio operarem-se muitas reformas importantes e salutaes. No guerra mesmo, Gustavo cuidava do seu reino e se esforçava por melhorar as condições dos seus subditos. Fez um codigo penal. Estabeleceu tribunaes e regulou a jurisprudencia. Tornou o commercio prospero favorecendo a creação de um sem numero de associações industriaes e chamando para os seus Estados artistas habéis dos paizes estrangeiros. Facilitou tambem, por meio de sabias leis, a venda das mercadorias, e é a elle que a Suecia deve as suas primeiras manufacturas de armas e papel, as suas fabricas de cerveja, as suas fabricas de cortumes, e os misteres para tecer a lã, a seda, etc.

Regularisou a administração das provincias. o exigiu una conta exacta das receitas e despezas do reino. Animou particularmente a iustrucção em todos os seus ramos. Assegurou aos professores um salario condigno, e lhes exigiu em troca, como garantia, sciencia e moralidade. Purificou as universidades, em que, como elle dizia, «se encontravam professores que não sabiam respeitar-se a si proprios e cumprir a sua missão». Conservou a mocidade na ordem e concedeu subsidios aos estudantes pobres, mas intelligentes e laboriosos. Fundou a universidade de Dorpat, e doou á de Upsal com os bens da sua familia.

Foi elle que derramou luses entre o povo, organizando escholas de ensino primario superior. Propunha-

se, finalmente, a dar á Suecia uma constituição, que devia inaugurar uma especie de governo mais liberal que outr'ora, quando foi arrancado á affeição dos seus subditos. «Era de uma natureza sanguinea, diz Michelet, e por veses tinha momentos de colera, muito curtos, passados os quaes elle se punha a rir. Na occasião da batalha, elle caminhava para o inimigo, como um simples soldado. Sem estes defeitos, os unicos que se lhe pódem notar, a historia teria julgado Gustavo como superior á natureza humana.» Sua morte, como é bem evidente, collocou-o no mesmo nivel dos outros homens e forneceu um memoravel exemplo da nossa miseria.

Os Finlandeses tinham encontrado e conquistado o cadaver do seu rei. Estava sob um montão de mortos. Calcado pelas patas dos cavallos tanto suécos como austriacos, estava por tal forma desfigurado, que difficilmente se podia reconhecer. Levaram-o para a aldeia de Meuchen. Viram-se obrigados a enterrarem os intestinos. Seu corpo foi, depois d'isto, posto n'um caixão feito pelo mestre-eschola, que era tambem marceneiro. Celebraram-se os officios funebres na egreja da localidade. Foi ainda o mestre-eschola que desempenhou as funcções de pastor. Um official suéco pronunciou um discurso. No dia seguinte, transportaram os despojos mortaes do grande heroe para Weissenfels. Alli, um pharmaceutico foi encarregado de o embalsamar, e n'aquella occasião vio que o rei tinha recebido nove ferimentos. No verão seguinte, o corpo foi conduzido da Saxonia para as costas do Baltico. Por todos os logares por onde o cortejo passou, o pesar era

immenso. De todos os olhos corriam abundantes lagrimas. A Allemanha protestante não encontrava consolação na perda do seu libertador. De Wolgast, na Pomerania, o corpo foi levado para a Suecia, acompanhado pela rainha Maria Eloonor, cuja dor era sem medida, e por uma deputação do senado. «A travessia foi feliz—diz um biographo de Gustavo Adolpho—e a esquadra chegou a 8 de agosto a Nykoepping. Quando ella se approximou das costas suecas, o céu se cobriu de espessas nuvens, que momentos depois, se desfazião em chuva. Ter-se-hia dicto que a Suecia queria receber, vestida de luto e em lagrimas, os restos do maior e do mais querido de seus filhos.»

Por condescencia para com a rainha, que não queria separar-se dos restos de seu esposo e pedia para os guardar até ao momento em que ella fosse repousar com elle no mesmo tumulo, os funeraes solemnes, que deviam realisar-se em Stockolmo, foram adidiados para 21 de junho de 1634. Foram então celebrados com toda a pompa e no meio da maior afflicção. O sarcophago foi collocado na egreja de Ridarholm, que Gustavo tinha escolhido para ser sepultado. Construíram alli um soberbo mausoleu, que ainda hoje em dia alli existe. Nas sete faces d'este monumento estão gravadas curtas sentenças sobre as façanhas e virtudes de Gustavo. Por cima da cruz que o remata, vê-se um pellicano que alimenta os filhos com o seu proprio sangue. Feliz imagem, bem propria para exprimir o traço mais saliente da vida do heroe suéco e para resumir, de alguma maneira, toda a sua existencia, que não foi senão um longo e sanguinolento sacrificio.

